

CURSO INTENSIVO 2022

Gramática e Interpretação de texto 2022

**Morfologia: Estrutura e
processos de formação de
palavras**



Prof. Wagner Santos

Sumário

APRESENTAÇÃO	4
1 A PALAVRA E SEUS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS	4
1.1 Estrutura das palavras	5
Raiz	6
Radical	6
Vogal temática	8
Tema	8
Afixos	9
Desinência	10
Vogais e consoantes de ligação	11
2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS	12
2.1 Derivação	13
Prefixação	13
Sufixação	14
Prefixação e sufixação	14
Derivação parassintética	15
Derivação imprópria	16
Derivação regressiva	17
2.2 Composição	18
Justaposição	18
Aglutinação	19
2.3 Onomatopeia	20
2.4 Abreviação (Redução)	20
2.5 Siglonimização	21
2.6 Híbridização	21
2.7 Combinação	21
Erro! Indicador não definido.	

3 EXERCÍCIOS	23
---------------------	-----------



4 GABARITO	45
5 QUESTÕES RESOLVIDAS E COMENTADAS	46
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83



Apresentação

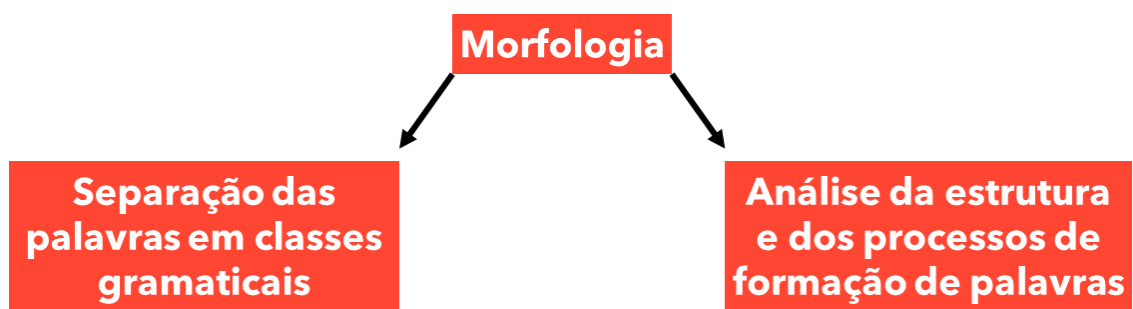
Olá, bolas de fogo!

Na aula de hoje, vamos adentrar no reino dos processos de formação de palavras. Falaremos, de forma mais específica, sobre como se formam as palavras em língua portuguesa de forma específica, ainda que tenhamos a repetição de processos em diversas línguas. É interessante notar que vamos nos aprofundar nos processos mais utilizados, com referência, claro, às demais formas menos cobradas de vocês. Preparados?

Bora que só bora?

1 A palavra e seus elementos constitutivos

Antes de adentrarmos no maravilhoso campo da estrutura que forma as palavras, precisamos falar um pouco acerca da parte da linguística que estuda os processos e a estrutura das palavras. De forma geral, temos na **morfologia** essa relação, sendo ela dividida em duas partes:



Dessa forma, precisamos entender o que seria uma palavra, concorda? Se vamos analisar a relação estabelecida em sua formação, assim como os elementos envolvidos nesse processo, precisamos pensar claramente em uma relação de definição. Vamos lá?

Palavra é uma unidade linguística que, na oralidade ou na escrita, apresenta clara significação própria. Além disso, ela existe isoladamente, ainda que não encaixada em um enunciado.

Interessante essa definição. Digo isso, porque a ideia de “existir isoladamente e ter significação própria” é o que precisamos para a nossa relação de formação e estrutura. Não vamos nos aprofundar na relação de distinção entre palavras e vocábulo, porque isso dá muito pano pra manga, como costumam dizer por aí. Vamos nos focar, nesse momento, nos elementos que podem formar uma palavra, que aqui entenderemos como sinônimo de vocábulos.



Para exemplificar essa ideia de palavras e o conceito que apresentamos, imaginemos o seguinte diálogo:

- Professor, me diga uma coisa?

- Digo sim, claro!

- Onde o senhor mora?

- Brasília!

Perceba que a palavra “Brasília” é utilizada de forma autônoma e contém informação que a faz ter significação clara. Assim, podemos realmente dizer que “Brasília” é uma palavra. Muito doido, não é mesmo?

1.1 Estrutura das palavras

Gosto muito, quando vou tratar de estruturas de palavras, assim como quando vou falar sobre processos de formação, da comparação que o gramático Fernando Pestana usa para tornar imagética a relação de estrutura: Pestana apresenta a ideia de que a palavra é como um prédio, que apresenta uma “base” e outras partes que se ligam a essa base. É exatamente assim que devemos observar essa relação de estrutura: temos uma base sobre a qual construiremos novas palavras.

Nesse ponto, entendemos como “partes” das palavras:

- **Radical;**
- **Afixos: prefixos e sufixos;**
- **Desinências (que trataremos na aula 06);**
- **Vogal temática; e**
- **Vogal/consoante de ligação.**

Essas partes da estrutura da palavra são chamadas de **morfemas**, que é, simplesmente, **a menor parte de uma palavra que apresenta significado**. São partes significativas de uma palavra e são utilizadas para a sua formação completa de significado. Vejamos o que encontramos em uma palavra como **supermercadinho** (pense nessa palavra com um valor depreciativo, a partir do uso do diminutivo):

Super  **mercad**  **inho**



Note que, nessa palavra, conseguimos identificar três elementos constitutivos, os quais serão aprofundados a seguir.

Esses elementos que **estruturam** a palavra podem ser divididos, segundo Cegalla (2008), em alguns tipos:

- **Elementos básicos e significativos** – raiz, radical e tema.
- **Elementos modificadores** – afixos, desinência e vogal temática.
- **Elementos de ligação** – vogal de ligação e consoante de ligação

Raiz

Se pensarmos numa árvore, uma raiz é aquilo que fica na base, que sustenta a estrutura do tronco e da copa. Quando falamos de palavras, **a raiz é o elemento originário e irreduzível em que se concentra a significação das palavras** (CEGALLA, 2008, p.91).

A raiz tem a ver com a **origem da palavra no sentido histórico**. No português, o mais comum é que as palavras venham do latim ou do grego. Destacamos que essa identificação não se apresenta como produtiva nas questões dos vestibulares em geral. Colocamos a ideia de **raiz** para que vocês possam entender claramente que temos uma forma que concentra, em si, a significação básica da palavra no decorrer do tempo. É uma forma de estudo a qual chamamos de estudo diacrônico das palavras, em que analisamos essa relação de significação.

Raiz *amar-*, do latim *amarus* = sabor adstringente, amargo.

Palavras formadas com *amar-* têm significado ligado a “amargo” de algum modo.

Ex.: amargo, amargor, amargurado, amaríssimo etc.

Radical

O radical é o elemento básico e significativo das palavras. (CEGALLA, 2008, p. 91). Aqui, pensa-se no aspecto gramatical **prático**, da **língua portuguesa atual**, sem levarmos em consideração a busca pela origem da palavra. É o momento **sincrônico** que nos interessa agora.

- **Diacronia:** estudo dos elementos a partir de aspectos históricos e de evolução, por exemplo, das palavras.
- **Sincronia:** estudos dos elementos a partir do momento atual, desconsiderando-se a evolução, por exemplo, das palavras.



Palavras que compartilham o mesmo radical fazem parte do mesmo **campo lexical**, ou seja, possuem significados conectados. Essa conexão ocorre claramente por meio de uma relação com o radical, que permanece exatamente para indicar essa construção derivada. Vejamos um exemplo dessa ocorrência.

Mar
Marítimo
Marinheiro
Marujo
Marinha

Notem que realmente todas as palavras apresentam a mesma origem de radical. São relações de substantivos e adjetivos que mantêm significação ligada à noção de mar.

Inclusive, fiz questão de apresentar esse quadro organizado dessa forma, porque essa é a melhor forma de comparação e palavras para que tenhamos certeza do radical utilizado e da proximidade das palavras. Normalmente, em questões que trabalham com essa “decupagem” da palavra, você se perde um pouco por conta dessa noção de radical. Assim, coloquem as palavras derivadas em uma lista e vejam o que se repete. Vamos tentar essa forma com palavras relacionadas àquele objeto mágico chamado **livro**?

Livro
Livraria
Livreiro
Livrinho
Livraria

Note que, nesse quadro com as palavras relacionadas a **Livro**, temos uma repetição de “livr-”, comprovando que temos uma relação dele como radical. Perceba, ainda, que destaquei o “o” de **livro** de forma diferente das demais. É o que veremos ser a chamada **vogal temática**.

Utilizamos o hífen logo depois de um radical ou relacionado aos afixos, para que entendamos que outro elemento será ali conectado. Assim, marcamos o prefixo “re-” e o sufixo “-idade” para identificação como prefixo e sufixo, respectivamente.



Vogal temática

A vogal temática é **uma vogal que se liga ao radical** formando nomes e verbos. Como essa parte é essencial aos verbos, para que se compreenda **em qual conjugação** se encaixa o verbo, ela é usualmente mais cobrada e estudada nessa classe. Contudo, veja como funciona nos nomes e nos verbos, de forma distinta.

As vogais temáticas nominais são:

- **A, E, O: quando finais e tônicas em uma palavra.**

Perceba que a marcação de gênero, no português, é somente a feminina. Assim, ainda que em uma palavra como **livro** seja gramaticalmente masculina, o **O** final e átono conta como sua vogal temática. O mesmo ocorre, por exemplo, com **menino**.

No caso dos verbos, não há construção com as vogais sendo átonas. A terminação em “ar”, “er” e “ir”, inclusive, é tônica.

A - caracteriza verbos da 1ª conjugação: amar, andar, cantar etc.

E - caracteriza verbos da 2ª conjugação: comer, saber, viver etc.

I - caracteriza verbos da 3ª conjugação: cair, partir, sorrir etc.

Tema

O tema é formado pelo radical + vogal temática. É simples assim, professor? Sim, sim. Simples mesmo. Essa classificação, inclusive, é bem pouco cobra de vocês, mas faço questão de apresentá-la, porque é simples e auxilia na compreensão da vogal temática, apresentada acima. Vejamos o exemplo seguir, relacionada com os verbos. Nesse tipo de construção, principalmente com os verbos regulares, temos constantemente a repetição do tema.



Canta = **cant** + **a**

O tema “canta” se liga ao **-r** para formar o verbo **cantar**. O verbo será flexionado mantendo o tema “canta”

Ex.: **Canta**, **cantava**, **cantara**, **cantarão** etc.

Afixos

Afixos são **elementos que se agregam aos radicais ou temas**, formando **palavras derivadas**. Por apresentarem claro significado que se soma ao significado do radical, temos a necessidade de entender que temos um morfema em cada uma das representações de afixos. Note que a relação do afixo é sempre com o **radical** ou com o **tema**. Temos, então, com relação à posição que ocuparão a classificação desses afixos.

Esses podem ser classificados da seguinte forma:

Os **prefixos** são os elementos que são colocados antes de um radical. Sempre costumo dizer para vocês prestarem atenção em **pre**fixo. Como “pré” é antes, anterior, fica fácil de lembrar.

Os **sufixos**, então, serão os elementos que adicionamos na posição posterior ao radical. Só marcar a diferença para o prefixo. Vejamos:

Infelizmente
Imoralidade
Desfalecimento
Emagrecimento

Principais prefixos e seus significados

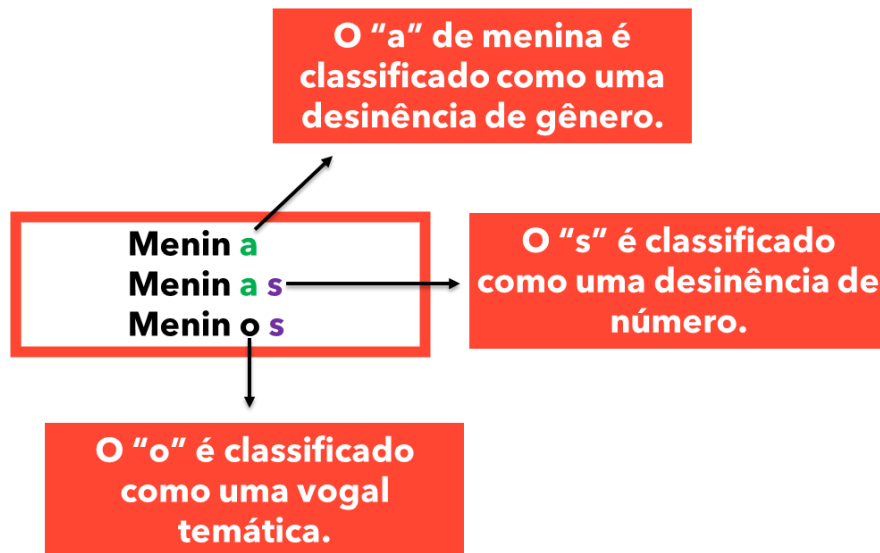
a- (ab) = afastamento	ad- = aproximação
anti- = oposição	des- = separação e ação contrária ou negação
dis- = separação, movimento para diversos lados	e- (ex) = movimento para fora
i- (in) = movimento para dentro ou negação	pos- = posteridade
pre- = anterioridade	sub- = inferioridade
super- = superioridade, excesso	trans- = movimento para além



Desinência

A desinência é um elemento que se adiciona no fim das palavras para indicar sua **flexão**. Falaremos dela de forma mais profunda mais à frente, uma vez que não temos uma relação de formação de palavras com a entrada de uma delas em uma palavra.

As desinências nominais indicam flexões de **gênero** (feminino e masculino) e **número** (singular e plural).



FIQUE
ATENTO!



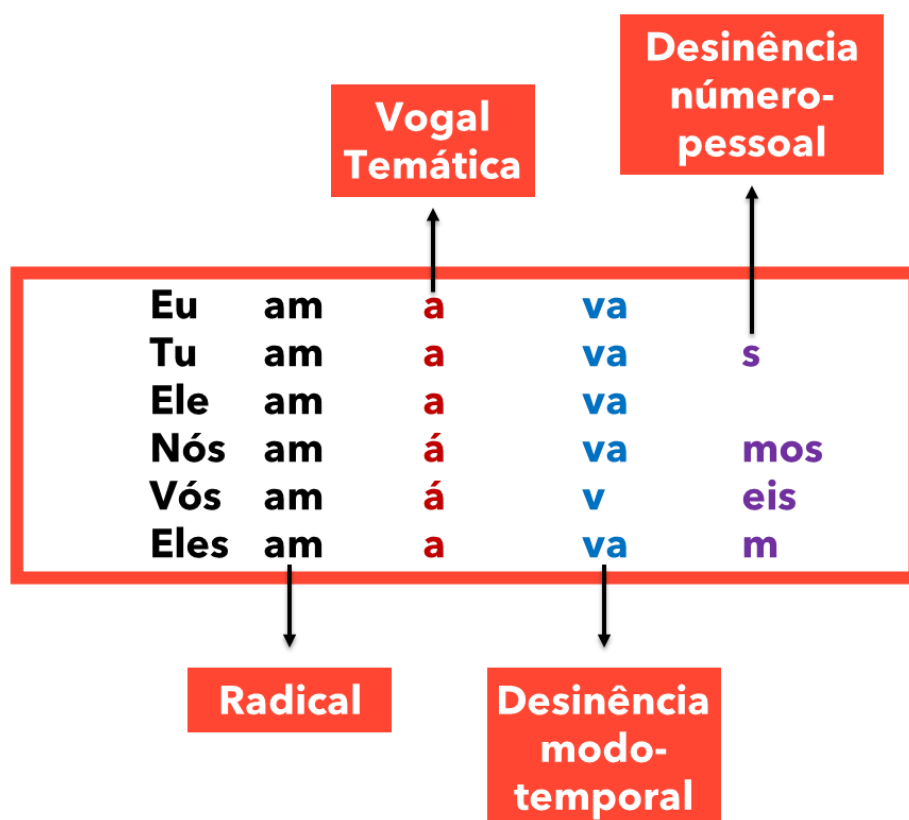
É importantíssimo dizer uma coisa:

No português, considera-se como desinência de gênero somente o morfema marcador de feminino. Como gramaticalmente reconhecem-se somente dois gêneros, temos a possibilidade de marcar somente um, ficando o outro como **não marcado**.

Hoje, muito se discute, na sociedade, a necessidade de uma marcação de um gênero neutro, dado que teríamos possibilidade de construção da chamada **linguagem não binária**. Trataremos disso mais à frente, na aula em que falaremos sobre as flexões de gênero, não se preocupe. Explicaremos toda a polêmica envolvida no caso.

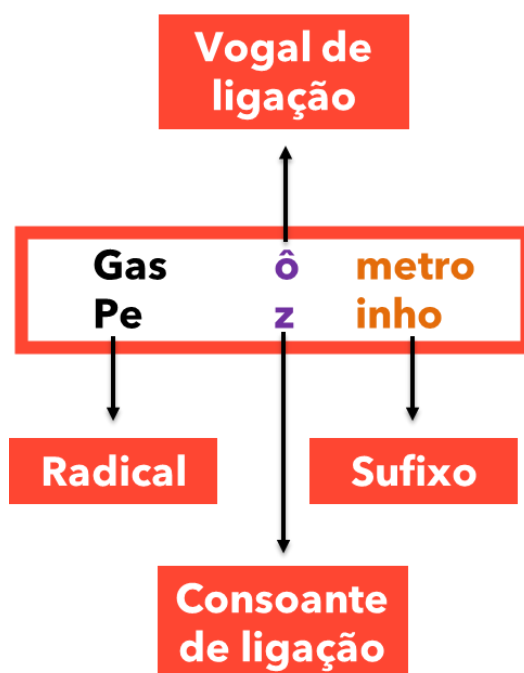
As desinências verbais indicam flexões de **número**, **pessoa**, **tempo** e **modo**. Veja o exemplo:





Vogais e consoantes de ligação

Em algumas palavras, é preciso que se adicione uma letra na estrutura por questões de **sonoridade**: sem esse elemento, a pronúncia seria mais difícil. Veja exemplos abaixo:



2 Processos de formação de palavras

Chegamos ao que realmente importa quanto o assunto são as questões cobradas nos exames: os processos de formação de novas palavras em português. Perceba que a estrutura da palavra é essencial para que entendamos como ela foi formada, por isso iniciamos por esse conteúdo. Agora, porém, apresentaremos os processos utilizados, em português, para que tenhamos novas palavras.

É claro que as análises dos processos de formação podem ser empregadas a vocábulos já existentes. Ou seja, podemos analisar palavras que não mais são neologismos para que possamos entender como ela foi formada à época.

CURIOSIDADE



Perceba que as palavras surgem e são consideradas neologismos, como apresentaremos a seguir por meio da conceituação. Contudo, em um determinado momento, elas deixam de ser classificadas dessa forma, porque passam a pertencer definitivamente à língua portuguesa. Quando é que isso acontece?

Isso acontece sempre que a palavra passa a pertencer aos dicionários considerados importantes na língua portuguesa, como o Aurélio e o Houaiss. Contudo, o tempo para que os neologismos passem a fazer parte dos dicionários varia de quatro a cinco anos, para que se tenha certeza de que aquela palavra “caiu no gosto popular”, ou seja, que ela passou realmente a ser utilizada com produtividade na língua.

Para que nosso aproveitamento com relação à formação de palavras seja otimizado, é necessário que tenhamos alguns conceitos claros em nossa cabeça:

- ❖ Palavra **primitiva** é aquela que não surge de um processo de formação a partir de outra palavra. Ou seja, é uma palavra que não sofreu derivação. Por exemplo: cadáver, pedra, amigo.
- ❖ Palavra **derivada** é, como o nome indica, uma palavra que passa por um processo de derivação para ser formada, ou seja, vem de uma palavra primitiva da língua portuguesa. Por exemplo: imoral, florista, solar.
- ❖ Palavra **simples** é aquela que apresenta somente um radical, ou seja, é uma palavra que não passou por um processo de composição. Por exemplo: florista, beijo, sol.
- ❖ Palavra **composta** é aquela que apresenta mais de um radical, ou seja, aquela que passou por um processo de composição. Por exemplo: beija-flor, girassol, embora.



Como você percebeu na conceituação acima, temos essencialmente dois processos de formação de palavras, que serão aprofundados a seguir: a **derivação** e a **composição**. Vamos a eles, bolas de fogo.

2.1 Derivação

O dicionário Aulete explica que o processo de derivação ocorre quando há **a multiplicação e o reaproveitamento de uma palavra com acréscimo de sufixos e prefixos**. Ou seja, em essência, para que tenhamos **derivação**, é necessária a relação de entrada de sufixos e prefixos. Contudo, como veremos, existem dois processos chamados de derivação em que não há essa relação. Ainda que isso seja um pouco incoerente, para o nosso objetivo aqui, vamos considerá-los como derivação: são eles a **derivação imprópria** e a **derivação regressiva**.

Além desses dois processos, temos como derivação: **prefixal, sufixal e parassintética**. Bora que só bora para compreender esses processos. Já adianto que você deve levar em consideração os nomes para auxiliar na compreensão do processo. Eles nos dão pistas sobre como se dá a formação.

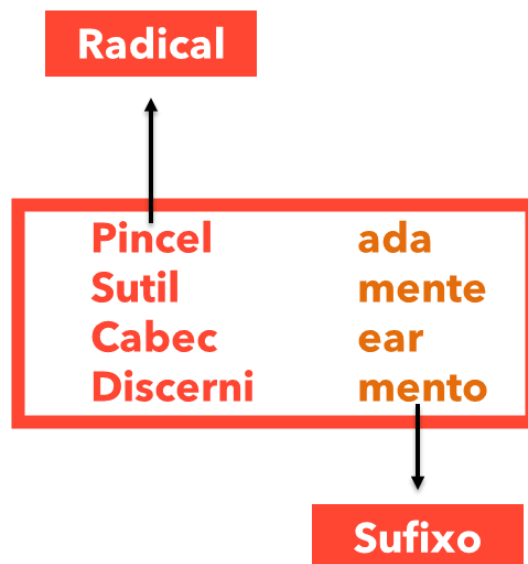
Prefixação

A prefixação ocorre quando temos o **acréscimo de um prefixo a um radical**. Ou seja, sempre que adicionamos um prefixo a um determinado radical, ou palavra primitiva, temos a relação de **prefixação**.



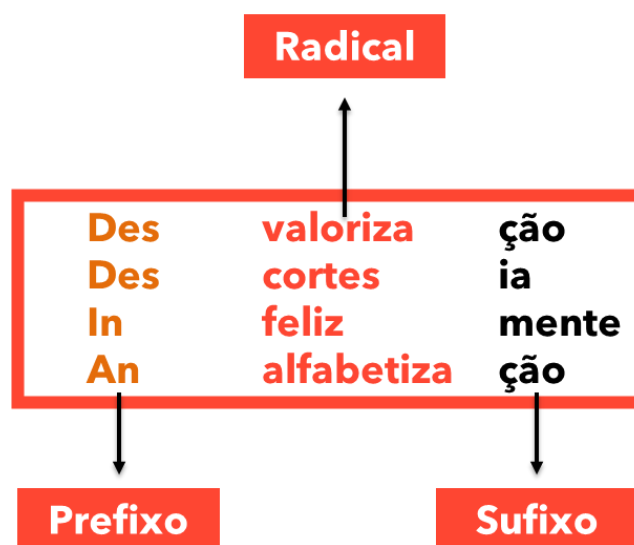
Sufixação

O processo de **sufixação** ocorre sempre que **um prefixo é adicionado a um radical**, construindo nova palavra a partir dessa adição de afixo.



Prefixação e sufixação

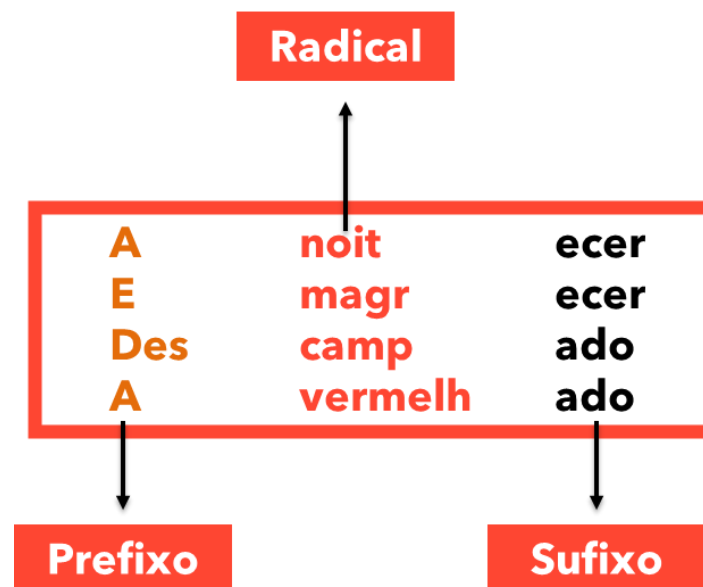
Nesse processo, temos a entrada **não simultânea** de um prefixo e de um sufixo em uma palavra. Recomendamos um teste simples para a identificação desse processo: **retiramos um dos afixos e percebemos a existência da palavra**. Caso a palavra exista, temos o processo de **prefixação e sufixação**, caso não exista após a retirada dos afixos, entendemos que haverá **parassíntese**, que apresentaremos a seguir. Vejamos alguns exemplos:



Perceba que, em todos os vocábulos apresentados no exemplo anterior, as palavras, sem um dos afixos, existe: Valorização; Descortês/Cortesia; Infeliz/Felizmente; Alfabetização. Dessa forma, comprovamos no nosso teste para essa determinação. **Reforço que somente a retirada de um dos afixos (prefixo ou sufixo) é suficiente para a determinação. Ainda que somente “valorização”, por exemplo, exista, temos a possibilidade de teste comprovada.**

Derivação parassintética

A **derivação parassintética** é extremamente parecida com a **derivação prefixal e sufixal**. Nela, também temos a entrada de um **prefixo** e de um **sufixo** de forma dependente. Não podemos separar os dois afixos. Costumeiramente, dizemos que há a entrada **simultânea** dos dois afixos. É um processo muito comum na formação de verbos, como veremos a seguir, e de seus derivados. Vejamos:



Note que nosso teste, para esses casos, não consegue se aplicar:

- Anoit e noitecer não existem.
- Emagr e magreecer não existem.
- Descamp e campado não existem.
- Avermelh e vermelhado não existem.

Dessa forma, nota-se que os dois afixos **foram adicionados ao mesmo tempo ao radical**, inviabilizando a possibilidade de retirada de um deles para a existência autônoma da palavra.



Derivação imprópria

Na derivação imprópria, apesar desse nome, temos uma construção interessante: **uma palavra passa, em um determinado contexto, a funcionar em uma classe gramatical diferente da sua de origem**. Ainda que apresente esse nome, você deve considerar que

A derivação imprópria não é considerada errada, ainda que carregue esse nome de imprópria.

A derivação imprópria depende, claramente, de um contexto. Não a analisamos sem considerá-lo.

Normalmente, essa forma de derivação ocorre por meio de uma **relação de substantivação**. Nesse caso, transformamos uma palavra de determinada classe gramatical em um substantivo, mas somente dentro daquele determinado contexto. Isso é essencial para a nossa classificação. Pense nisso. Além desse fato, temos a possibilidade de construção de substantivos com valor de adjetivos, a depender do contexto.

Judas, normalmente um substantivo, está qualificando “menino”.

Esse menino age como um **judas** em muitos momentos.

Amar é um verbo que está substantivado pelo artigo “o”.

O **amar** é uma das ações mais recompensadoras.

Note que as duas palavras destacadas, **judas** e **amar**, são utilizadas, dentro do contexto, em classe diferente das originais. O substantivo está adjetivado no primeiro caso e, no segundo, o verbo está substantivado.



Derivação regressiva

Na **derivação regressiva**, também chamada de **regressão**, temos verbos que dão origem a substantivos que passam a ter uma relação de **indicação de ação ou resultado de ação**. Esse tipo de substantivo é chamado “deverbal” e, comumente, apresenta-se como um substantivo abstrato. São poucos os casos em que ocorre a formação de um substantivo concreto.

É importante destacar que esse tipo de derivação envolve, necessariamente, a perda de elementos da palavra original, no caso o verbo. Ainda que precisemos adicionar alguma coisa para que o substantivo possa fazer sentido, consideramos a perda na palavra original.

Vejamos alguns exemplos:

Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Beijar	Beijo

CURIOSIDADE



É interessante notar que, em muitos casos em que utilizamos a linguagem informal, temos muitos casos de derivação regressiva. Fique atento a eles:

Amassar => Amasso

Agitar => Agito

Apertar => Aperto

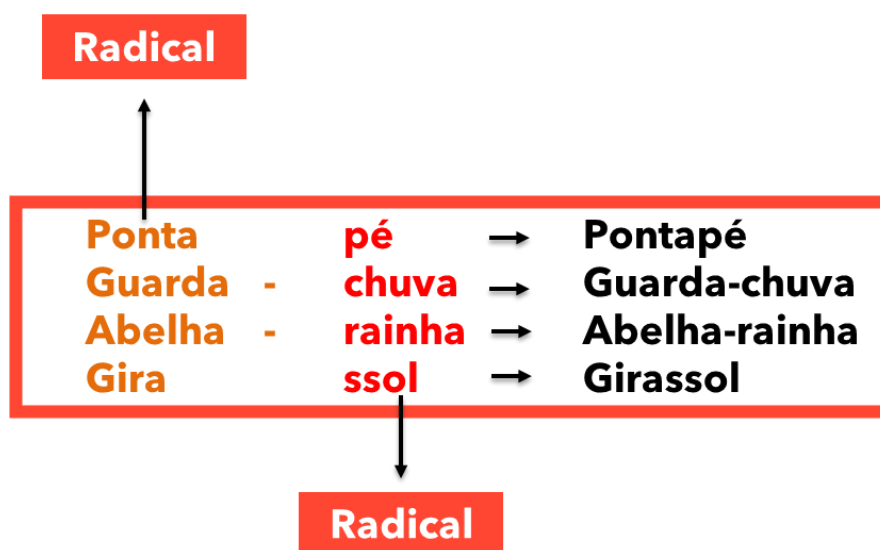


2.2 Composição

A **composição**, como o próprio nome já indica, é um processo que envolve **dois ou mais radicais**. Nela, usamos palavras (sim, no plural) para a formação de novas palavras. São dois os processos de composição: **justaposição** e **aglutinação**.

Justaposição

Nesse processo, é interessante notar que colocaremos **dois ou mais radicais** sem que nenhum deles tenha **perda de elementos estruturais e fonéticos**. Isso quer dizer, literalmente, que juntamos dois radicais e eles permanecem incólumes (ilesos/inalterados), lindinhos da vida, do jeito que sempre foram. Vejamos:



Desses exemplos, é interessante destacar duas características importantes para você não se confundir:

- ❖ Podemos utilizar (com base no novo acordo ortográfico) hifens para formação das palavras por justaposição, como vimos em “abelha-rainha” e “guarda-chuva”. Contudo, é importante destacar que **não somente palavras por composição utilizam hífen em sua construção**. Por exemplo, **ex-mulher** é formada por derivação prefixal e utiliza tranquilamente o hífen.
- ❖ A palavra **girassol** é justaposição sim. O que ocorre, nesse caso, é a utilização de um fonema a mais para a manutenção de sons do radical utilizado. Como em português o S entre vogais, para ter som de S, precisa ser duplicado, por meio de um **dígrafo**, é necessário que dupliquemos o S.

Além disso, destacamos um fato importante: pé de moleque é formado por justaposição de dois radicais (**pé** e **moleque**), sendo a preposição somente elemento de

ligação. Não consideramos esses elementos como radicais. Note, ainda, que há expressões longas que valem por palavras, como em **Maria vai com as outras**, em que uma expressão passa a ter valor de uma só palavra, nesse caso, **influenciável**.

Aglutinação

Na **aglutinação**, temos a construção de palavras a partir de **dois ou mais radicais** que **perdem** elementos **estruturais ou fonéticos**. Nesse caso, diferente do que acontece com a **justaposição**, não poderemos ter o uso de hífen separando as palavras, exatamente porque temos uma relação de modificação de um ou mais dos radicais.

Em boa hora	→	Embora
Filho de algo	→	Fidalgo
Vinho acre	→	Vinagre
Vossa mercê	→	Você

TOME
NOTA!



Para diferenciar os dois processos eu sempre digo aos alunos para utilizarem duas palavras para lembrar cada um dos processos de formação. Para isso, eu sempre recomento o par de palavras **hidroelétrica** e **hidrelétrica**.

Ainda que seja, sinônimas e possam ser utilizadas tranquilamente, as duas passam por processos de composição distintos, vejamos:

Hidroelétrica é formada claramente por justaposição. Isso se justifica porque não temos alteração alguma em nenhum dos dois radicais empregados.

Hidrelétrica é formada claramente por aglutinação. Isso se justifica porque temos alteração em um dos radicais, no caso, em **"hidr-"**.



2.3 Onomatopeia

Nesse processo, são formados verbos, interjeições e substantivos a partir da imitação dos sons de seres animados ou inanimados (animais e objetos sem vida). É uma forma muito comum de formação de palavras.

Tic-tac
Bangue-bangue
Zum-zum-zum
Nhenhêném
Mugir
Miar
Cacarejar

2.4 Abreviação (Redução)

Nesse processo, temos uma relação direta com a dinâmica da vida moderna. Com a necessidade linguística de comunicação de forma mais rápida, mais ágil. Quando pensamos em linguagem virtual, essa relação se mostra ainda mais forte.

Nesse processo, temos a redução acontecendo até certo ponto da palavra original. Para que ela seja válida realmente há necessidade de que a palavra reduzida mantenha o significado da palavra original, sem perdas de significação. Essas reduções muitas vezes vêm carregadas de aspectos preconceituosos, afetivos e pejorativos.

Militar	→	Milico
Português	→	Portuga
Delegado	→	Delega
São Paulo	→	Sampa
Otorrinolaringologista	→	Otorrino

FIQUE
 ATENTO!



Uma mesma palavra pode sofrer dois processos de formação.

Imaginemos a palavra **Zezinho**.

Zé vem de José, modificado por meio de **redução**, passando a **Zé**.

Depois, temos **sufixação** para a transformação em **Zezinho**.



2.5 Siglonimização

O processo de **siglonimização** relaciona-se diretamente com o uso das letras iniciais das palavras que formam uma expressão e essa sigla passa a representar o nome completo. É interessante destacar que a **sigla** representa o valor da expressão que foi transformada em sigla.

Museu de Arte Moderna	→	MAM
Organização das Nações Unidas	→	ONU
Universidade de Brasília	→	UnB
Empresa Brasileira de Telecomunicações	→	Embratel
Universidade Federal Fluminense	→	UFF

ESCLARECENDO!



Três casos devem ser considerados nesse tipo de processo. Atente-se a eles, inclusive, para a escrita das suas redações. As siglas com quatro ou mais letras, quando pode

1º - Siglas com duas ou três letras devem ser grafadas todas em maiúscula.

2º - Siglas com quatro ou mais letras que possam ser lidas como uma palavra, por exemplo, **Detran**.

3º - Em redações, não é necessário abrir as siglas mais conhecidas, porque elas valem pelo nome que representam.

2.6 Hbridização

Nesse processo, temos a utilização de dois morfemas de origens distintas. Esse processo tem sido pouco cobrado nos últimos anos no vestibular, mas é interessante que vocês conheçam esse processo, exatamente porque ele pode aparecer de uma forma ou outra em sua prova. Vamos olhar alguns exemplos.

socio/logia (latim e grego)
auto/móvel (grego e latim)
tele/visão (grego e latim)
buro/cracia (francês e grego)
banan/al (africano e latim)



FIQUE
ATENTO!



Você pode encontrar questões que envolvem palavras de origem inglesa “aportuguesadas”.

Não se trata de um hibridismo, pois o fenômeno do **aportuguesamento** envolve submeter uma palavra estrangeira às regras gramaticais e ortográficas da língua portuguesa. Veja alguns exemplos:

- *Gang* = Gangue
- *Tarot* = Tarô
- *Cocktail* = Coquetel
- *Drink* = Drinque
- *Scan* = Escanear





3 Exercícios

1. (UNICAMP/2018)

O brasileiro João Guimarães Rosa e o irlandês James Joyce são autores reverenciados pela inventividade de sua linguagem literária, em que abundam neologismos. Muitas vezes, por essa razão, Guimarães Rosa e Joyce são citados como exemplos de autores "praticamente intraduzíveis". Mesmo sem ter lido os autores, é possível identificar alguns dos seus neologismos, pois são baseados em processos de formação de palavras comuns ao português e ao inglês.

Entre os recursos comuns aos neologismos de Guimarães Rosa e de James Joyce, estão:

- i. Onomatopeia (formação de uma palavra a partir de uma reprodução aproximada de um som natural, utilizando-se os recursos da língua); e
- ii. Derivação (formação de novas palavras pelo acréscimo de prefixos ou sufixos a palavras já existentes na língua).

Os neologismos que aparecem nas opções abaixo foram extraídos de obras de Guimarães Rosa (GR) e James Joyce (JJ). Assinale a opção em que os processos (i) e (ii) estão presentes:

- a) Quinculinculim (GR, No Urubuquaquá, no Pinhém) e tattarrattat (JJ, Ulisses).
- b) Transtrazer (GR, Grande sertão: veredas) e monoideal (JJ, Ulisses).
- c) Rtststr (JJ, Ulisses) e quinculinculim (GR, No Urubuquaquá, no Pinhém).
- d) Tattarrattat (JJ, Ulisses) e inesquecer-se (GR, Ave, Palavra).

2. (ESPM/2018)

Assinale o item em que o par de prefixos grifados não possua equivalência semântica:

- a) **hiper**mercado / **super**mercado
- b) **anfí**bio / **ambi**guidade
- c) **endo**venoso / **intra**muscular
- d) **di**álogo / **bi**enal
- e) **perí**feria / **circun**ferência

3. (ESPM/2016)



Levando-se em conta os prefixos latinos e gregos grifados, assinale o par que não possui correspondência de significados:

- a) abuso / anencéfalo
- b) ambidestro / anfíbio
- c) bienal / dilema
- d) circumpolar / periferia
- e) contraveneno / antidoto

4. (UNESP/2017)

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

As palavras do texto cujos prefixos traduzem ideia de negação são

- a) “desvirtua” e “transforma”.
- b) “evite” e “isolamento”.
- c) “desfigura” e “ameaça”.
- d) “desconhecido” e “insegurança”.
- e) “subverte” e “dilacera”.



5. (IFBA/2017)

Leia o fragmento, abaixo, extraído do poema “Quilombos”, do poeta baiano José Carlos Limeira.

“Te vejo meu povo feliz
Teu sonho querendo sentir
Se Palmares ainda vivesse
Pra Palmares teria que ir

Você já pensou se Domingos Jorge Velho e sua malta
Não houvessem tido tanta sorte?

Já pensou naquele país da Serra da Barriga?
Sei que talvez não,
É difícil imaginar uma terra (...)
Onde não fosse possível ver
Criancinhas
De dez, oito, seis anos
Voltando às quatro da manhã
Depois de vender chicletes e o último resquício de dignidade
Nos cruzamentos da cidade.
(...)
Por menos que conte a história
Não te esqueço meu povo
Se Palmares não vive mais
Faremos Palmares de novo.”

LIMEIRA, José Carlos; SEMOG, Éle. *Atabaques*. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 1983.

Do ponto de vista morfológico, na estrutura da palavra “Criancinhas” (l. 13) apresenta-se:

- a) uma desinência verbal que indica quantidade.
- b) um prefixo que tem sentido de medida.
- c) um sufixo de valor diminutivo.
- d) um sufixo que forma substantivo por meio do verbo.
- e) uma composição por aglutinação.



6. (IFPE/2017)

BRINQUEDO VIRA FEBRE ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

RIO - A cena se repete na porta das escolas da cidade: um grupo de adolescentes conversa, nas mãos, algo colorido girando chama a atenção. É o *hand spinner*, brinquedo que é a nova moda entre os jovens. Segundo a coluna "Gente Boa", a febre pela peça, que possui um círculo no centro e, ao colocar os dedos nas pontas, com um movimento rápido, é possível girá-lo cada vez mais rápido, foi tão grande que o Colégio Santo Inácio teria proibido o brinquedo na escola.

Segundo o Colégio Santo Inácio, tudo não passou de um mal-entendido: nenhum brinquedo é proibido na escola. O que aconteceu foi uma recomendação para que os alunos não usassem durante a aula, já que os estudantes estavam se distraíndo. Perto dali, no Leblon, o Colégio Santo Agostinho passa pelo mesmo problema.

O *hand spinner* foi criado no início da década de 90 com o objetivo de auxiliar no relaxamento e aumentar a concentração. Ele era recomendado para crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e autismo. Mas a internet foi tomada por vídeos e fotos do brinquedo e viralizou. O professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF) e especialista em psiquiatria infantil, Jairo Werner, destaca não conhecer estudos que comprovem a eficácia do *hand spinner*. "Isso virou uma grande moda, tenho pacientes que estão usando, não por recomendação minha, mas por conta própria. É um aparelho que fornece um alívio momentâneo da ansiedade, porque algumas pessoas, em especial as crianças, têm muita energia para extravasar. Tudo pode ser usado para o bem ou para o mal, limite é sempre necessário" – explica Werner.

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/hand-spinner-de-febre-entre-os-adolescentes-pesadelo-dos-colegios-21447838>>. Acesso: 18 jun. 2017 (adaptado).

A palavra "mal-entendido", na primeira linha do segundo parágrafo do texto, foi escrita com hífen em respeito ao que prescreve o último acordo ortográfico assinado pelos países de língua portuguesa. Entretanto, o referido acordo nem sempre determina a utilização do hífen quando "mal" funciona como prefixo. Sabendo disso, assinale a única alternativa em que se faz obrigatório o uso do hífen com o supracitado prefixo.

- a) Mal-criado.
- b) Mal-amada.
- c) Mal-sucedido.
- d) Mal-cheiroso.
- e) Mal-visto.

7. (URGS/2017)

Muita gente que ouve a expressão "políticas linguísticas" pela primeira vez pensa em algo solene, formal, oficial, em leis e portarias, em autoridades oficiais, e pode ficar se perguntando o que seriam leis sobre línguas. De fato, há leis sobre línguas, mas as políticas linguísticas também podem ser menos formais- e nem passar por leis propriamente ditas.



Em quase todos os casos, figuram no cotidiano, pois envolvem não só a gestão da linguagem, mas também as práticas de linguagem, e as crenças e valores que circulam a respeito delas. Tome, por exemplo, a situação do cidadão das classes confortáveis brasileiras, que quer que a escola ensine a norma culta da língua portuguesa. Ele folga em saber que se vai exigir isso dos candidatos às vagas para o ensino superior, mas nem sempre observa ou exige o mesmo padrão culto, por exemplo, na ata de condomínio, que ele aprova como está, **desapegada** da ortografia e das regras de concordância verbais e nominais preconizadas pela gramática normativa. Ele acha ótimo que a escola dos filhos faça baterias de exercícios para fixar as normas ortográficas, mas pouco se incomoda com os problemas de redação nos enunciados das tarefas dirigidas às crianças ou nos textos de comunicação da escola dirigidos à comunidade escolar. Essas são políticas linguísticas. Afinal, onde há gente, há grupos de pessoas que falam línguas. Em cada um desses grupos, há decisões, tácitas ou explícitas, sobre como proceder, sobre o que é aceitável ou não, e por aí afora. Vamos chamar essas escolhas – assim como as discussões que levam até elas e as ações que delas resultam – de políticas. Esses grupos, pequenos ou grandes, de pessoas tratam com outros grupos, que por sua vez usam línguas e têm as suas políticas internas. Vivendo imersos em linguagem e tendo constantemente que lidar com outros indivíduos e outros grupos mediante o uso da linguagem, não surpreende que os recursos de linguagem lá pelas tantas se tornem, eles próprios, tema de política e objetos de políticas explícitas. Como esses recursos podem ou devem se apresentar? Que funções eles podem ou devem ter? Quem pode ou deve ter acesso a eles? Muito do que fazemos, portanto, diz respeito às políticas linguísticas.

Adaptado de: GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. *Do que tratam as políticas linguísticas*. ReVEL, v. 14, n. 26, 2016.

Assinale a alternativa em que o prefixo des atribui à forma a que se agrega o mesmo sentido que atribui à desapegada.

- a) Desdenhada.
- b) Designada.
- c) Desabrochada.
- d) Destrabelhada.
- e) Desabitada.

8. (UNIPÊ/2017)

A atuação do profissional médico caracteriza, historicamente, ação que desafia o conhecimento. É muito fácil perceber isso em apanhado retrospectivo da história da Medicina. Da observação empírica ao conhecimento científico institucionalizado da Medicina, esses desafios se estendem além da esfera do conhecimento, para abranger, cada vez mais, também outros no campo institucional e, por fim, nas sociedades democráticas contemporâneas, aqueles exigidos pelo Estado de Direito. Se, um dia, já se fez cirurgia sem anestésicos, sem técnicas de esterilização e assepsia, no mundo de hoje, isso seria **inconcebível**, inaceitável e juridicamente passível de punição.

O ato médico caracteriza-se principalmente pela natureza intervencionista, ou seja, há a “intenção de intervir”, cientificamente justificada em um diagnóstico que embasa o “porquê intervir” e da mesma forma estabelece o “como intervir”. Intervir do ponto de vista



médico significa alterar de um estado inicial indesejável para um estado final previsivelmente almejado. E esse estado final almejado é estabelecido não pelo médico ou pelo paciente, mas pelo consenso científico. E toda a ação que se distanciar desses contornos necessitará de justificação adicional. Atente-se que, aqui, até mesmo a atitude passiva, ou seja, a não intervenção, é pautada pelo mesmo raciocínio: a atitude programada. Esses são pressupostos que constituem a essência para a elaboração do texto legal que regulamenta não apenas o ato médico, mas também o exercício profissional do médico em seu amplo contexto. Assim, o ato médico sempre será ação **desafiando** conhecimento!

MURR, Leidimar Pereira. Ato médico: ação que desafia o conhecimento. Disponível em: <<http://ojaleco.blogspot.com.br/2009/11/ato-medico-acao-que-desafia-o.html>>. Acesso em: 4 abr. 2017. Adaptado.

Os prefixos formadores das palavras derivadas “inconcebível” e “desafiando” traduzem, respectivamente, as ideias de

- a) introdução e transição.
- b) negação e ação contrária.
- c) intensidade e destruição.
- d) oposição e relação mútua.
- e) retrocesso e simultaneidade.

9. (UERJ/2016)

O FUTURO ERA LINDO

A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, 2o cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, 3estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único 4poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do 6planeta. Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. 7Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.

Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. Por anos esquecemos que a internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em megahipercorporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre tantas indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu que os mesmos Estados



Unidos, graças às maravilhas da internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como os maiores espiões do mundo, humilhando potências como a Alemanha e também o Brasil, impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao arrepio da justiça os bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos em matéria de ética, política e em boas maneiras.

Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

Marion Strecker Adaptado de *Folha de São Paulo*, 29/07/2014.

O termo megahipercorporações é formado por um processo que enfatiza o tamanho e o poder das corporações econômicas atuais.

Essa ênfase é produzida pelo emprego de:

- a) sufixos de caráter aumentativo
- b) prefixos com sentido semelhante
- c) radicais de combinação obrigatória
- d) desinências de significado específico

10. (UFAM/2015)

Há muito tempo, o homem sonha construir máquinas que possam livrá-lo das tarefas entediantes do dia a dia. Durante todo o século XX, os escritores de ficção científica estavam preocupados em criar histórias sobre robôs que serviam seus mestres em tudo, sem reclamar e sem se cansar. Essa era uma visão tentadora, mas, do ponto de vista tecnológico, até o final do século XX continuava a ser um sonho remoto, simplesmente porque não houve meios de construir essas máquinas. Que atrasados ainda somos! E, apesar da rejeição de muitos, essa perspectiva tem um quê de atraente.

Alguns pesquisadores dos Estados Unidos, da Europa e do Japão continuam a perseguir, incansavelmente, o sonho de criar servidores robóticos multifuncionais, que possam fazer o trabalho pesado. A busca tem sido difícil e os progressos, lentos. No entanto, a partir do ano 2000, vêm sendo desenvolvidos robôs experimentais com considerável sofisticação. Muitos cientistas já se convenceram de que essa tecnologia não é apenas possível, mas inevitável. Hoje em dia, a “era dos robôs” continua situada em algum lugar do futuro, mas está cada dia mais próxima. Sendo assim, daqui a alguns anos, não pegaremos numa vassoura que não seja através de um robô.

Como dizia o escritor Oscar Wilde, a civilização precisa de escravos. Que os escravos sejam, então, as máquinas. Por isso, esses robôs têm que ser construídos, para que tenhamos um novo amanhecer em nossa vida, com um enlace entre homens e máquinas.

(BALCH, Tucher. “As Maravilhosas máquinas inteligentes do futuro”. Texto adaptado.)

Assinale a alternativa em que aquilo que se afirma de palavra tirada do texto NÃO está correto:



- a) “incansavelmente” possui os seguintes elementos mórficos: in (prefixo); cans (radical); ável (sufixo nominal); mente (sufixo adverbial)
- b) “estavam” possui os seguintes elementos mórficos: est (radical); a (vogal temática); va (desinência modo-temporal); m (desinência número-pessoal)
- c) “trabalho” é palavra formada por derivação imprópria.
- d) “amanhecer” é vocábulo formado por derivação parassintética.
- e) “enlace” é vocábulo formado por derivação regressiva.

11. (UFSCar/2013)

O termo infeliz é formado pela combinação do prefixo de negação in- à base feliz. A alternativa em que a palavra também é formada com prefixo de negação é:

- a) desleal.
- b) ingerir.
- c) transportar.
- d) eufônico.
- e) decair.

12. (UFPR/2014)

Brazuca é um nome triste, mas não por ser com ‘z’

A escolha do nome da bola que a Adidas lançará para a Copa do Mundo de 2014 foi feita por votação na internet a partir de uma 2 lista tríplice. Com 77.8% das preferências, Brazuca derrotou Bossa Nova e Carnavalesca. Como quase todos os analistas da língua que estão de plantão esta semana, lamentei a notícia (considerava Bossa Nova o menos ruim de três nomes fracos), mas por motivos diversos. Não é a grafia com z que me incomoda, mas a palavra em si. Convém explicar. Sim, é verdade que todos os dicionários e o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), da Academia Brasileira de Letras, registram apenas brasuca, com s. Afinal, a palavra não é derivada de Brasil, brasileiro? Eis toda a base para a argumentação dos que implicaram com a grafia. Uma argumentação que deixa de levar em conta dois fatos singelos.

A forma brazuca é muito mais usada na vida real. Uma pesquisa no Google traz mais de milhões de páginas, contra pouco mais de um décimo disso para brasuca. Pode-se defender a tese de que a preferência popular não é suficiente para alterar a grafia de um termo vernáculo, mas atenção: estamos falando de palavra informal, brincalhona, recente. Brazuca é uma gíria, e as gírias, como todas as criações populares, têm a mania de escolher como serão conhecidas.

Ainda que não fosse assim, o batismo da bola da Copa do Mundo é um ato de branding, ramo do marketing que tem regras próprias, entre elas a de privilegiar formas gráficas fortes – e nesse mundo a letra z goza de grande prestígio. Naturalmente, a correspondência com a grafia “Brasil” numa marca destinada a ter circulação internacional também deve ter sido considerada um trunfo por seus criadores.



Se não é a grafia, o que sobra para criticar em Brazuca, a bola? Sua carga cultural idiota, só isso. O fato de que, brazuca ou brasuca, a palavra é um sinônimo tolo de brasileiro. O termo nasceu em Portugal com tom depreciativo (o sufixo “-uca”, o mesmo de mixuruca, deixa isso claro), numa espécie de contraponto ao nosso “portuga”. Até aí, tudo bem: a própria palavra brasileiro tinha uso pejora antes de ser assumida em espírito de desafio pelos nativos desta terra.

O problema é que, ao ser adotado por aqui, brazuca/brasuca virou um clichê patriótico viscoso, folclórico e carregado de autocomplacência, primo da malemolência, da ginga e da incrível musicalidade de muitos inzoneiros* que habita este gigante adormecido. É por isso que Brazuca é bola fora – e Brasuca não seria melhor.

(Sérgio Rodrigues, 04/09/2012, <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/curiosidades-etimologicas>>.)

*Inzoneiro: Adj. Bras. Pop. 1. Mexeriqueiro, intrigante, mentiroso. 2. Sonso, manhoso. (Dicionário Aurélio)

A partir do texto, considere as seguintes afirmativas:

1. As palavras mixuruca, muvuca e maluca confirmam a afirmação que o autor faz sobre o sufixo -uca.
2. O autor rechaça tanto brazuca quanto brasuca, por serem formas associadas a um patriotismo caricato.
3. Para o autor, o gigante adormecido tem qualidades que não podem ser comprometidas pela escolha de um nome com erro de grafia.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 2 é verdadeira.
- b) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.

13. (FGV/2013)

Satélite

Fim de tarde.

No céu plúmbeo

A Lua baça

Paira

Muito cosmograficamente

Satélite.



Desmetaforizada,
Desmitificada,
Despojada do velho segredo de melancolia,
Não é agora o golfão de cismas,
O astro dos loucos e dos enamorados,
Mas tão somente
Satélite.
Ah Lua deste fim de tarde,
Demissionária de atribuições românticas,
Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia,
gosto de ti, assim:
Coisa em si,
– Satélite.

Manuel Bandeira

No contexto do poema de Manuel Bandeira, sobre os termos “Desmetaforizada”, “Desmitificada” e “Despojada”, só NÃO é correto afirmar:

- a) configuram uma gradação descendente, do ponto de vista rítmico.
- b) desenvolvem uma ideia já presente no advérbio de modo, usado na primeira estrofe.
- c) contêm um prefixo que intensifica a noção contida no radical.
- d) podem ser entendidos como expressões que traduzem ideia de causa.
- e) opõem-se, quanto ao sentido, à expressão “disponibilidades sentimentais”.

14. (FGV/2012)

Sua excelência

[O ministro] vinha absorvido e tangido por uma chusma de sentimentos atinentes a si mesmo que quase lhe falavam a um tempo na consciência: orgulho, força, valor, satisfação própria etc. etc.

Não havia um negativo, não havia nele uma dúvida; todo ele estava embriagado de certeza de seu valor intrínseco, das suas qualidades extraordinárias e excepcionais de condutor dos povos. A respeitosa atitude de todos e a deferência universal que o cercavam, reafirmadas tão eloquentemente naquele banquete, eram nada mais, nada menos que o sinal da convicção dos povos de ser ele o resumo do país, vendo nele o solucionador das suas dificuldades presentes e o agente eficaz do seu futuro e constante progresso.



Na sua ação repousavam as pequenas esperanças dos humildes e as desmarcadas ambições dos ricos.

Era tal o seu inebriamento que chegou a esquecer as coisas feias do seu ofício... Ele se julgava, e só o que lhe parecia grande entrava nesse julgamento.

As obscuras determinações das coisas, acertadamente, haviam-no erguido até ali, e mais alto levá-lo-iam, visto que, só ele, ele só e unicamente, seria capaz de fazer o país chegar ao destino que os antecedentes dele impunham.

(Lima Barreto. *Os bruzundangas*. Porto Alegre: L&PM, 1998, pp. 15-6)

A palavra que apresenta, em sua formação, um prefixo e um sufixo formador de adjetivo é:

- a) esperanças.
- b) sentimentos.
- c) unicamente.
- d) respeitosas.
- e) extraordinárias.

15. (UNIRG/2012)

A construção do título do livro "Sagarana" foi inventada pelo próprio autor e provém da junção de

- a) 'saga' que quer dizer "em busca de", e 'rana' que significa uma "feição universalizante" do épico.
- b) 'saga' palavra lúdica que se origina dos rapsodos gregos, e 'rana' nas canções de gesta medievais.
- c) 'saga' origina-se do mito poético que situa a narrativa entre o real e o mágico, e 'rana' que alude ao ápice da existência.
- d) 'saga' radical de origem germânica que significa "criação verbal a serviço do épico", e 'rana', do sufixo da língua indígena tupi, que significa "à maneira de".

16. (UFRJ/2005)

Em relação à palavra "bioética", é possível verificar, em seu processo de formação, a presença de

- a) prefixo (bio) + radical (ética).
- b) radical (bio) + radical (ética).
- c) radical (bio) + sufixo (-ético).
- d) prefixo (bio) + radical (ét-) + sufixo (-ica).
- e) radical (bioét) + sufixo (-ica).



17. (Insper/2012)

Leia a tirinha a seguir.



Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:

- a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
- b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
- c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
- d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
- e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

18. (UNESP/2021)

Para a formação do neologismo “vivimento”, o narrador recorreu ao mesmo processo de formação de palavras observado em

- a) “desemendo”.
- b) “velhice”.
- c) “denúncia”.
- d) “reverte”.
- e) “adiante”.

19. (UECE/2019)

Algumas palavras da língua portuguesa são formadas a partir da combinação de morfemas. Sobre esse aspecto, atente para as seguintes afirmações:

- I. O sufixo **inha** do vocábulo **garrafinha** indica diminutivo e o processo de formação dessa palavra se chama derivação sufixal.
- II. Os prefixos **re** e **des** dos vocábulo **reutilizar** e **desligar** indicam, respectivamente, repetição de uma ação e negação, e o processo de formação dessas palavras se chama derivação prefixal.



III. O prefixo **ex** do vocábulo **extratos** significa que algo está fora e o processo de formação dessa palavra é denominado derivação prefixal.

Estão corretas as assertivas contidas em

- a) I e II apenas.
- b) I e III apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I, II e III.

20. (Unicentro/2017)

O animal satisfeito dorme

Mário Sérgio Cortella

O sempre surpreendente Guimarães Rosa dizia: “o animal satisfeito dorme”. Por trás dessa aparente obviedade está um dos mais fundos alertas contra o risco de cairmos na monotonia existencial, na redundância afetiva e na indigência intelectual. O que o escritor tão bem percebeu é que a condição humana perde substância e energia vital toda vez que se sente plenamente confortável com a maneira como as coisas já estão, rendendo-se à sedução do repouso e imobilizando-se na acomodação.

A advertência é preciosa: não esquecer que a satisfação conclui, encerra, termina; a satisfação não deixa margem para a continuidade, para o prosseguimento, para a persistência, para o desdobramento. A satisfação acalma, limita, amortece. Por isso, quando alguém diz “fiquei muito satisfeito com você” ou “estou muito satisfeita com teu trabalho”, é assustador. O que se quer dizer com isso? Que nada mais de mim se deseja? Que o ponto atual é meu limite e, portanto, minha possibilidade? Que de mim nada mais além se pode esperar? Que está bom como está? Assim seria apavorante; passaria a ideia de que desse jeito já basta. Ora, o agradável é quando alguém diz: “teu trabalho (ou carinho, ou comida, ou aula, ou texto, ou música etc.) é bom, fiquei muito insatisfeito e, portanto, quero mais, quero continuar, quero conhecer outras coisas.

Um bom filme não é exatamente aquele que, quando termina, ficamos insatisfeitos, parados, olhando, quietos, para a tela, enquanto passam os letreiros, desejando que não cesse? Um bom livro não é aquele que, quando encerramos a leitura, o deixamos um pouco apoiado no colo, absortos e distantes, pensando que não poderia terminar? Uma boa festa, um bom jogo, um bom passeio, uma boa cerimônia não é aquela que queremos que se prolongue?

Com a vida de cada um e de cada uma também tem de ser assim; afinal de contas, não nascemos prontos e acabados. Ainda bem, pois estar satisfeito consigo mesmo é considerar-se terminado e constrangido ao possível da condição do momento.

Quando crianças (só as crianças?), muitas vezes, diante da tensão provocada por algum desafio que exigia esforço (estudar, treinar, EMAGRECER etc.) ficávamos preocupados e irritados, sonhando e pensando: por que a gente já não nasce pronto, sabendo todas as coisas? Bela e ingênua perspectiva. É fundamental não nascermos sabendo e nem prontos; o ser que nasce sabendo não terá novidades, só reiteraões.



Somos seres de insatisfação e precisamos ter nisso alguma dose de ambição; todavia, ambição é diferente de ganância, dado que o ambicioso quer mais e melhor, enquanto que o ganancioso quer só para si próprio.

Nascer sabendo é uma limitação porque obriga a apenas repetir e, nunca, a criar, inovar, refazer, modificar. Quanto mais se nasce pronto, mais refém do que já se sabe e, portanto, do passado; aprender sempre é o que mais impede que nos tornemos prisioneiros de situações que, por serem inéditas, não saberíamos enfrentar.

Diante dessa realidade, é absurdo acreditar na ideia de que uma pessoa, quanto mais vive, mais velha fica; para que alguém quanto mais vivesse mais velho ficasse, teria de ter nascido pronto e ir se gastando...

Isso não ocorre com gente, e sim com fogão, sapato, geladeira. Gente não nasce pronta e vai se gastando; gente nasce não-pronta, e vai se fazendo. Eu, no ano que estamos, sou a minha mais nova edição (revista e, às vezes, um pouco ampliada); o mais velho de mim (se é o tempo a medida) está no meu passado e não no presente.

Demora um pouco para entender tudo isso; aliás, como falou o mesmo Guimarães, “não convém fazer escândalo de começo; só aos poucos é que o escuro é claro”...

Excerto do livro “Não nascemos prontos! – provocações filosóficas”. De Mário Sérgio Cortella. Disponível em: <<http://www.contioutra.com/o-animal-satisfeito-dorme-texto-de-mario-sergio-cortella/>>

Sobre os processos de formação de palavras que compõem o texto 01, assinale a única alternativa correta.

- a) A palavra “estudar” é formada por derivação prefixal e sufixal.
- b) A palavra “emagrecer” é formada por derivação parassintética.
- c) A palavra “gastando” é formada por derivação prefixal.
- d) A forma verbal “vive” é formada por derivação imprópria.
- e) A palavra “surpreendente” é formada por composição por justaposição.



21. (Unicentro/2018)

Para responder à questão, considere a tira abaixo.



Toda a Mafalda/Quino. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 28

Na interação verbal entre Susanita e Mafalda, o humor é desencadeado pelo neologismo INVEJÓLOGO, criado para designar a futura especialidade médica do “filho da D. Susanita”. O processo de formação dessa palavra indica

- a) a invariabilidade imanente da língua.
- b) a fragilidade da língua colocada em risco de deterioração.
- c) o dinamismo da língua na criação de novas palavras.
- d) a impossibilidade de a língua se adaptar ao contexto social dos falantes.
- e) a inadequação do uso do radical grego para indicar a nova profissão.

22. (UFT/2018)

Opinião não é argumento

Aqui está uma história que pode ser verdadeira no contexto atual do Brasil. Um jovem professor de Filosofia, instruindo seus alunos à Filosofia da Religião, introduz, à maneira que a Filosofia opera há séculos, argumentos favoráveis e contrários à existência de Deus. Um dos alunos se queixa, para o diretor e também nas onipresentes redes sociais, de que suas crenças religiosas estão sendo atacadas. “Eu tenho direito às minhas crenças”. O diretor concorda com o aluno e força o professor a desistir de ensinar Filosofia da Religião.

Mas o que é exatamente um “direito às minhas crenças”? [...] O direito à crença, nesse caso, poderia ser visto como o “direito evidencial”. Alguém tem um direito evidencial à sua crença se estiver disposto a fornecer evidências apropriadas em apoio a ela. Mas o que o estudante e o diretor estão reivindicando e promovendo não parece ser esse direito, pois isso implicaria precisamente a necessidade de pôr as evidências à prova.

Parece que o estudante está reivindicando outra coisa, um certo “direito moral” à sua crença, como avaliado pelo filósofo americano Joel Feinberg, que trabalhou temas da Ética, Teoria da Ação e Filosofia Política. O estudante está afirmando que tem o direito moral de acreditar no que quiser, mesmo em crenças falsas.

Muitas pessoas acham que, se têm um direito moral a uma crença, todo mundo tem o dever de não as privar dessa crença, o que envolve não criticá-la, não mostrar que é ilógica ou que lhe falta apoio evidencial. O problema é que essa é uma maneira cada vez mais comum de pensar sobre o direito de acreditar. E as grandes perdedoras são a liberdade de expressão e a democracia.

[...] A defesa de uma crença está restrita ao uso de métodos que pertence ao espaço das razões – argumentação e persuasão, em vez de força. Você tem o direito de avançar sua crença na arena pública usando os mesmos métodos de que seus oponentes dispõem para dissuadi-lo. O pior acontece quando crenças se materializam em opinião, e são usadas como substitutas de argumentos, quando o “Eu tenho direito às minhas crenças” se transforma em “Eu tenho direito à minha opinião”. Crenças e opiniões não são argumentos. Mais precisamente, crenças diferem de opinião, que diferem de fatos, que diferem de argumentos. Um fato é algo que pode ser comprovado verdadeiro. Por exemplo, é um fato que Júpiter é o maior planeta do sistema solar tanto em diâmetro quanto em massa. Esse fato pode ser provado pela observação ou pela consulta a uma fonte fidedigna.

Uma crença é uma ideia ou convicção que alguém aceita como verdade, como “passar debaixo de uma escada dá azar”. Isso **certamente** não pode ser provado (ou pelo menos nunca foi). Mas a pessoa ainda pode manter sua crença, como vimos, se não pelo “direito evidencial”, apelando para o “direito moral”. Ou ainda, pelo mesmo “direito moral”, deixar de acreditar no que ela própria pensa ser evidência, como no caso do famoso dito (atribuído a Sancho Pança): “Não creio em bruxas, ainda que existam”. [...]

Fonte: CARNIELLI, Walter. Página Aberta. In: *Revista Veja*. Edição 2578, ano 51, nº 16. São Paulo: Editora Abril, 2018, p. 64 (fragmento adaptado).

Quanto aos aspectos gramaticais, negritados no texto, analise as afirmativas.

- I. Em: “ilógica”, ocorre derivação prefixal, ou seja, à palavra lógica acrescentou-se o prefixo “i-”, indicando negação.
- II. Em: “certamente”, o sufixo adverbial “-mente” é acrescentado à forma feminina do adjetivo, para exprimir circunstância de modo.
- III. Em: “direito evidencial”, o elemento “evidencial” formou-se por derivação sufixal, resultando em um adjetivo.
- IV. Em: “persuasão”, o sufixo “-ão” indica a noção de aumentativo.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
- b) Apenas as afirmativas I, II e III estão corretas.
- c) Apenas as afirmativas II, III e IV estão corretas.
- d) Todas as afirmativas estão corretas.



23. (UFC/2019)

Ocorre derivação imprópria no termo destacado em:

- a) “fascinava-a como prodígio mecânico que **era**”.
- b) “avistou aquele pano branco **tremulando**”.
- c) “quão **indiferentes** passam entre si”.
- d) “a fim de que o objeto não chegasse **sibilante** como um projétil”.
- e) “a menina teve a impressão de que ele levava **saudades**”.

24. (UEMA/2020)

Leia o texto que segue para responder à questão.

Manuel Bandeira, autor de *Libertinagem* (1930), insere-se na primeira Geração do Modernismo no Brasil. Sua obra, também influenciada por sua história de vida, rompeu com os padrões rígidos ditados pela produção anterior ao Modernismo. Ocupa lugar de relevância na produção poética brasileira no séc. XX, sendo um dos poetas conhecidos e estudados na contemporaneidade. Especificamente, *Libertinagem* acompanha o ideário do grupo modernista da Semana de 22.

Lenda brasileira

A moita buliu. Bentinho Jararaca levou a arma à cara: o que saiu do mato foi o Veado Branco! Bentinho ficou pregado no chão. Quis puxar o gatilho e não pôde.

- Deus me perdoe!

Mas o Cussaruim veio vindo, veio vindo, parou junto do caçador e começou a comer devagarinho o cano da espingarda.

BANDEIRA, M. *Libertinagem*. 2 ed. São Paulo: Global, 2013.

O termo “Cussaruim” é uma sinonímia para “diabo”, realizada a partir da aproximação com “coisa-ruim” ou “cousa ruim”, expressões populares de certas regiões do Brasil.

No processo formativo de “Cussaruim”, tem-se a

- a) conversão da categoria adjetiva da palavra em substantivo.
- b) prefixação com total modificação do sentido primitivo da palavra.
- c) aglutinação de dois termos com perda da autonomia fonética de um deles.
- d) junção de termos de origens distintas para formação de vocábulo inusitado.
- e) abreviação de partes das duas palavras, mantendo o significado primitivo das palavras.

25. (FGV-SP/2019.2)

Dizem todos, e os poetas juram e tresjuram, que o verdadeiro amor é o primeiro; temos estudado a matéria, e acreditamos hoje que não há que fiar em poetas: chegamos



por nossas investigações à conclusão de que o verdadeiro amor, ou são todos ou é um só, e neste caso não é o primeiro, é o último. O último é que é o verdadeiro, porque é o único que não muda. As leitoras que não concordarem com esta doutrina convençam-me do contrário, se são disso capazes.

Isto tudo vem para dizermos que Maria-Regalada tinha um verdadeiro amor ao major Vidigal; o major pagava-lho na mesma moeda. Ora, D. Maria era uma das camaradas mais do coração de Maria-Regalada. Eis aí porque falando dela D. Maria e a comadre se mostraram tão esperançadas a respeito da sorte do Leonardo.

Já naquele tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco eram uma mola real de todo o movimento social.

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*.

O prefixo que entra na formação do verbo “tresjuram” expressa ideia de

- a) precisão.
- b) intensificação.
- c) contradição.
- d) atenuação.
- e) negação.

26. (UNEMAT/2019.2)

Cabelo

Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada

Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada

Quem disse que cabelo não sente

Quem disse que cabelo não gosta de pente

Cabelo quando cresce é tempo

Cabelo embaraçado é vento

Cabelo vem lá de dentro

Cabelo é como pensamento

Quem pensa que cabelo é mato

Quem pensa que cabelo é pasto

Cabelo com orgulho é crina

Cilindros de espessura fina

Cabelo quer ficar pra cima

Laquê, fixador, gomalina

Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada



Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada
Quem quer a força de Sansão
Quem quer a juba de leão
Cabelo pode ser cortado
Cabelo pode ser comprido
Cabelo pode ser trançado
Cabelo pode ser tingido
Aparado ou escovado
Descolorido, descabelado
Cabelo pode ser bonito
Cruzado, seco ou molhado.

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/arnaldo-antunes/91446/>. Acesso em: mar. 2019.

A letra da canção “Cabelo”, de Jorge Benjor e Arnaldo Antunes, apresenta alguns versos com palavras cognatas.

No texto, são cognatas as palavras:

- a) sente; gosta; cresce; pensa.
- b) tempo; vento; dentro; pensamento.
- c) cabelo; cabeleira; cabeluda; descabelada.
- d) aparado; escovado; descolorido; cruzado.
- e) cortado; cumprido; traçado; tingido.

27. (UnB/2017)

[1] Há aproximadamente mil anos, no auge do Renascimento islâmico, três irmãos em Bagdá projetaram um dispositivo que era um órgão automatizado. Eles o chamaram [4] “o instrumento que toca sozinho”. O instrumento era basicamente uma caixa de música gigante. O órgão podia ser treinado para tocar várias músicas usando instruções [7] codificadas por meio de pinos colocados em um cilindro giratório. Para a máquina tocar uma música diferente, era só trocar um cilindro por outro com uma codificação diferente. [10] Esse foi o primeiro instrumento desse tipo. Ele era programável. Conceitualmente, esse foi um imenso salto adiante. Toda a ideia de hardware e de software se tornou [13] possível com essa invenção. Esse conceito incrivelmente poderoso não veio para nós na forma de um instrumento de guerra, de conquista ou de uma necessidade. De forma alguma, [16] ele veio do estranho prazer de ver uma máquina tocar música. De fato, a ideia de máquinas programáveis foi mantida viva exclusivamente pela música por aproximadamente setecentos [19] anos.

Existe uma longa lista de ideias e de tecnologias transformadoras que vieram de brincadeiras: os museus [22] públicos, a borracha, a teoria das probabilidades, o negócio de seguros e muito mais. A necessidade nem sempre é a mãe da invenção. Um estado de



espírito lúdico é fundamentalmente [25] exploratório e busca novas possibilidades no mundo ao seu redor. Devido a essa busca, muitas experiências que começaram como simples prazer e diversão, por fim, [28] resultaram em grandes avanços.

Stephen Johnson. O paraíso lúdico por trás das grandes invenções. Internet: <www.ted.com>.

Tomando como base o fragmento de texto acima, julgue o item.

A palavra “busca” (l.26) é formada pelo mesmo processo de derivação a partir do qual se forma a palavra

- a) “programável” (l.11).
- b) “invenção” (l.13).
- c) “conquista” (l.15).
- d) “necessidade” (l.15).

Textos para as questões de 28 a 31.

Texto I



Fonte: Disponível em: <https://www.agenciaconexoes.org/fome-e-desperdicio-em-numeros/>. Acesso em: 09 agost. 2019. (texto adaptado).

Texto II

Sem merenda: quando férias escolares significam fome no Brasil

"Me corta o coração eles quererem um pão e eu não ter. Já coloquei os meninos na escola pra isso mesmo, por causa da merenda. Um pouquinho de arroz sempre alguém me dá, mas nas férias complica", afirma Alessandra, que, desempregada, coleta latinhas na favela de Paraisópolis, em São Paulo, onde mora. [...]

O drama de Alessandra não é incomum. As férias escolares, quando muitas crianças deixam de ter o acesso diário à merenda, intensificam a vulnerabilidade social de muitas famílias em todo o país. Embora variem em conteúdo e qualidade (às vezes, são apenas bolacha ou pão, em outras, são refeições completas de arroz, feijão, legumes e carne), as merendas ocupam função importante no dia a dia de certos alunos. Para essas crianças, nos períodos sem aulas é que a fome, uma ameaça ao longo de todo ano, torna-se uma realidade a ser enfrentada. [...]

Embora não haja estudos nacionais que indiquem o tamanho da insegurança alimentar durante o período de férias escolares, uma série de indicadores comprova a evolução da pobreza no país e o modo como ela incide sobre as crianças.

De acordo com a Fundação Abrinq, que fez cálculos, a partir de dados do IBGE, 9 milhões de brasileiros entre zero e 14 anos do Brasil vivem em situação de extrema pobreza. O Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional do Ministério da Saúde (Sisvan) identificou, no ano retrasado, 207 mil crianças menores de cinco anos com desnutrição grave no Brasil.

A mais recente pesquisa de Segurança Alimentar do IBGE, de 2013, apontava que uma a cada cinco famílias brasileiras tinha restrições alimentares ou preocupação com a possibilidade de não ter dinheiro para pagar comida.

Se a pesquisa fosse feita hoje, a família da faxineira Marinalva Maria de Paula, de 57 anos, se enquadraria nessa condição. Com uma renda de R\$ 360,00 mensais para três adultos e uma criança, ela se vê cotidianamente frente a decisões dramáticas: "Se eu pagar a prestação do apartamento ou a conta de água, não temos o que comer". [...]

O fenômeno que acontece na casa da faxineira já havia sido identificado pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) em 2008, quando um terço dos titulares do Bolsa Família declaravam em pesquisa que a alimentação da família piorava durante as férias escolares. [...]

Marinalva não consegue emprego formal há quatro anos. Ela está muito longe de atingir a renda mínima familiar, estimada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) em R\$ 4.214,62, para suprir sem carências as necessidades com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência dos quatro integrantes da casa. O valor, calculado em julho, equivale a aproximadamente quatro vezes o salário-mínimo atual, de R\$ 998,00.

Fonte: IDOETA, Paula Adamo; SANCHES, Mariana. In: BBC News Brasil. 15 jul. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48953335>. Acesso em: 09 agost. 2019. (texto adaptado).

28. (UFT/2020/Tarde)

Sobre os vocábulos: "incomum" e "insegurança", presentes no texto II, analise as afirmativas.



- I. Nos vocábulos, o prefixo "in-" denota sentido de negação.
- II. Os vocábulos passaram por derivação parassintética, com a anexação concomitante de afixos aos substantivos.
- III. Os vocábulos são formados pelo processo de derivação, ou seja, quando se obtém uma palavra nova (derivada), pela anexação de afixos à palavra primitiva.
- IV. Na formação dos vocábulos, ambos sofreram alterações em sua estrutura pelos prefixos, provocadas pelo fenômeno da assimilação.

Assinale a alternativa CORRETA.

- a) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
- b) Apenas as afirmativas I e III estão corretas.
- c) Apenas as afirmativas II e III estão corretas
- d) Apenas as afirmativas III e IV estão corretas.

29. (Inédita – Professor Wagner Santos)

A palavra "desperdiçado" (Texto I) é formada pelo mesmo princípio formativo de:

- a) Embora.
- b) Emagrecimento.
- c) Beijo.
- d) Inconstitucional.
- e) Desclonagem.

30. (Inédita – Professor Wagner Santos)

Tendo em mente que a palavra "merenda" é derivada do verbo "merecer", do latim *merere*, seu processo de formação deve ser classificado como

- a) derivação prefixal.
- b) abreviação.
- c) derivação sufixal.
- d) derivação imprópria.
- e) derivação regressiva.



4 Gabarito

GABARITO



1. D

2. D

3. A

4. D

5. C

6. B

7. B

8. B

9. B

10. C

11. A

12. B

13. C

14. E

15. D

16. B

17. E

18. B

19. A

20. B

21. C

22. B

23. D

24. C

25. B

26. C

27. C

28. B

29. B

30. E



5 Questões Resolvidas e Comentadas

1. (UNICAMP/2018)

O brasileiro João Guimarães Rosa e o irlandês James Joyce são autores reverenciados pela inventividade de sua linguagem literária, em que abundam neologismos. Muitas vezes, por essa razão, Guimarães Rosa e Joyce são citados como exemplos de autores “praticamente intraduzíveis”. Mesmo sem ter lido os autores, é possível identificar alguns dos seus neologismos, pois são baseados em processos de formação de palavras comuns ao português e ao inglês.

Entre os recursos comuns aos neologismos de Guimarães Rosa e de James Joyce, estão:

- i. Onomatopeia (formação de uma palavra a partir de uma reprodução aproximada de um som natural, utilizando-se os recursos da língua); e
- ii. Derivação (formação de novas palavras pelo acréscimo de prefixos ou sufixos a palavras já existentes na língua).

Os neologismos que aparecem nas opções abaixo foram extraídos de obras de Guimarães Rosa (GR) e James Joyce (JJ). Assinale a opção em que os processos (i) e (ii) estão presentes:

- a) Quinculinculim (GR, No Urubuquaquá, no Pinhém) e tattarrattat (JJ, Ulisses).
- b) Transtrazer (GR, Grande sertão: veredas) e monoideal (JJ, Ulisses).
- c) Rtststr (JJ, Ulisses) e quinculinculim (GR, No Urubuquaquá, no Pinhém).
- d) Tattarrattat (JJ, Ulisses) e esquecer-se (GR, Ave, Palavra).

Comentários

Alternativa A – incorreta. “Tattarrattat” não é derivado a partir de nenhuma palavra existente.

Alternativa B – incorreta. “Transtrazer” é o processo número (ii) e não (i): derivação a partir da inclusão do prefixo “trans-” ao verbo “trazer”.

Alternativa C – incorreta. “Quinculinculim” não é derivado a partir de nenhuma palavra existente.

Alternativa D – correta – gabarito. A palavra “tattarrattat” imita o som de batidas na porta, sendo, portanto, uma onotopia; já “esquecer-se” é formada por derivação prefixal, da união do prefixo “In-” com o verbo pronominal “esquecer-se”.

Gabarito: D



2. (ESPM/2018)

Assinale o item em que o par de prefixos grifados não possua equivalência semântica:

- a) **hiper**mercado / **super**mercado
- b) **anfi**bio / **ambi**guidade
- c) **endo**venoso / **intra**muscular
- d) **diá**logo / **bi**enal
- e) **perif**eria / **circun**ferência

Comentários

Cuidado: está sendo pedido os termos que NÃO apresentam equivalência semântica.

Alternativa A – incorreta. O prefixo hiper- significa ‘acima; sobre; por cima, muito’: hiperativo, hipertenso, hipertexto; ao passo que “super-” denota ‘sobre; além de; por cima; demais’; ocorre no vern. Com as acp. De: 1) ‘posição acima de’: superposição, superumeral; 2) ‘abundância, excesso’: superaquecimento, superlotar; ver sobre-. De acordo com o dicionário Houaiss, eles têm significado igual.

Alternativa B – incorreta. Tanto “anfi-” quanto “ambi-” transmitem ideia de duplicidade.

Alternativa C – incorreta. “Endo” e “intra” transmitem ideia de interioridade (localidade).

Alternativa D – correta – gabarito. “Per-” dá ideia de cruzamento, através de, ao passo que circunferência denota ao redor de. **Atenção: são parecidos, mas não iguais.**

Gabarito: D

3. (ESPM/2016)

Levando-se em conta os prefixos latinos e gregos grifados, assinale o par que não possui correspondência de significados:

- a) **ab**uso / **an**encéfalo
- b) **amb**idestro / **an**fíbio
- c) **bi**enal / **di**lema
- d) **circump**olar / **perif**eria
- e) **contra**veneno / **anti**doto



Comentários

Alternativa A: correta – gabarito. De origem latina, o prefixo ab- indica separação, afastamento; já o prefixo an-, de origem grega, indica negação.

Alternativa B: incorreta. Tanto ambi- quanto anfi- indicam duplicidade.

Alternativa C: incorreta. Tanto bi- quanto di- indicam duplicidade.

Alternativa D: incorreta. Tanto circum- quanto peri- indicam posição em torno de algo.

Alternativa E: incorreta. Tanto contra- quanto anti- indicam oposição.

Gabarito: A

4. (UNESP/2017)

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

As palavras do texto cujos prefixos traduzem ideia de negação são

a) “desvirtua” e “transforma”.



- b) “evite” e “isolamento”.
- c) “desfigura” e “ameaça”.
- d) “desconhecido” e “insegurança”.
- e) “subverte” e “dilacera”.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Em “desvirtua” sim, mas em “transforma” não: “trans-” dá ideia de superação, de transposição de limites, de mudança, de alteração.

Alternativa B: incorreta. Em “evite” não há prefixo.

Alternativa C: incorreta. Em “ameaça” não há prefixo.

Alternativa D: correta – gabarito. Tanto “des-” quanto “in-” nesse caso transmitem ideia semântica de negação, oposição, privação.

Alternativa E: incorreta. Em ambos há prefixos, mas “sub-” transmite ideia de inferioridade e “di” de divisão, repartição.

Gabarito: D

5. (IFBA/2017)

Leia o fragmento, abaixo, extraído do poema “Quilombos”, do poeta baiano José Carlos Limeira.

“Te vejo meu povo feliz
Teu sonho querendo sentir
Se Palmares ainda vivesse
Pra Palmares teria que ir

Você já pensou se Domingos Jorge Velho e sua malta
Não houvessem tido tanta sorte?

Já pensou naquele país da Serra da Barriga?
Sei que talvez não,
É difícil imaginar uma terra (...)
Onde não fosse possível ver



Criancinhas

De dez, oito, seis anos

Voltando às quatro da manhã

Depois de vender chicletes e o último resquício de dignidade

Nos cruzamentos da cidade.

(...)

Por menos que conte a história

Não te esqueço meu povo

Se Palmares não vive mais

Faremos Palmares de novo.”

LIMEIRA, José Carlos; SEMOG, Éle. *Atabaques*. Rio de Janeiro: Ed. Dos Autores, 1983.

Do ponto de vista morfológico, na estrutura da palavra “Criancinhas” (l. 13) apresenta-se:

- a) uma desinência verbal que indica quantidade.
- b) um prefixo que tem sentido de medida.
- c) um sufixo de valor diminutivo.
- d) um sufixo que forma substantivo por meio do verbo.
- e) uma composição por aglutinação.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Não se trata de desinência verbal, pois não é verbo. “Criança” é substantivo; logo, a desinência é nominal.

Alternativa B: incorreta. Não é prefixo, mas sim sufixo.

Alternativa C: correta – gabarito. A palavra “criancinhas” é formada pelo substantivo “criança”, pelo sufixo de valor diminutivo “-inha” e flexão de gênero plural marcado pelo “s”.

Alternativa D: incorreta. É sufixo, mas “criança” é substantivo e não verbo.

Alternativa E: incorreta. Segundo a teoria, na aglutinação, unem-se as palavras suprimindo um ou mais de seus elementos fonéticos. Isso significa que na aglutinação há perda de algum som. No caso, não há junção de palavras, a palavra é uma só (criança), adicionada de sufixo.

Gabarito: C



6. (IFPE/2017)

BRINQUEDO VIRA FEBRE ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

RIO – A cena se repete na porta das escolas da cidade: um grupo de adolescentes conversa, nas mãos, algo colorido girando chama a atenção. É o *hand spinner*, brinquedo que é a nova moda entre os jovens. Segundo a coluna “Gente Boa”, a febre pela peça, que possui um círculo no centro e, ao colocar os dedos nas pontas, com um movimento rápido, é possível girá-lo cada vez mais rápido, foi tão grande que o Colégio Santo Inácio teria proibido o brinquedo na escola.

Segundo o Colégio Santo Inácio, tudo não passou de um mal-entendido: nenhum brinquedo é proibido na escola. O que aconteceu foi uma recomendação para que os alunos não usassem durante a aula, já que os estudantes estavam se distraindo. Perto dali, no Leblon, o Colégio Santo Agostinho passa pelo mesmo problema.

O *hand spinner* foi criado no início da década de 90 com o objetivo de auxiliar no relaxamento e aumentar a concentração. Ele era recomendado para crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e autismo. Mas a internet foi tomada por vídeos e fotos do brinquedo e viralizou. O professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF) e especialista em psiquiatria infantil, Jairo Werner, destaca não conhecer estudos que comprovem a eficácia do *hand spinner*. “Isso virou uma grande moda, tenho pacientes que estão usando, não por recomendação minha, mas por conta própria. É um aparelho que fornece um alívio momentâneo da ansiedade, porque algumas pessoas, em especial as crianças, têm muita energia para extravasar. Tudo pode ser usado para o bem ou para o mal, limite é sempre necessário” – explica Werner.

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/hand-spinner-de-febre-entre-os-adolescentes-pesadelo-dos-colegios-21447838>>. Acesso: 18 jun. 2017 (adaptado).

A palavra “mal-entendido”, na primeira linha do segundo parágrafo do texto, foi escrita com hífen em respeito ao que prescreve o último acordo ortográfico assinado pelos países de língua portuguesa. Entretanto, o referido acordo nem sempre determina a utilização do hífen quando “mal” funciona como prefixo. Sabendo disso, assinale a única alternativa em que se faz obrigatório o uso do hífen com o supracitado prefixo.

- a) Mal-criado.
- b) Mal-amada.
- c) Mal-sucedido.
- d) Mal-cheiroso.
- e) Mal-visto.



Comentários

Alternativa A: incorreta. O termo subsequente começa com consoante e, portanto, não precisa haver hífen obrigatório.

Alternativa B: correta – gabarito. “Mal” em Língua Portuguesa é advérbio. Geralmente, um advérbio pode ser utilizado como prefixo. Por exemplo, o uso de “não” à frente de algumas palavras.

No caso, a obrigatoriedade se dá, porque o segundo termo começa com vogal, de forma que a letra “l” junto à letra “a” requer obrigatoriamente a inclusão do hífen.

Alternativa C: incorreta. O termo subsequente começa com consoante e, portanto, não precisa haver hífen obrigatório.

Alternativa D: incorreta. O termo subsequente começa com consoante e, portanto, não precisa haver hífen obrigatório.

Alternativa E: incorreta. O termo subsequente começa com consoante e, portanto, não precisa haver hífen obrigatório.

Atenção: ainda iremos estudar de maneira mais aprofundada o Novo Acordo Ortográfico, não se preocupem.

Gabarito: B

7. (URGS/2017)

Muita gente que ouve a expressão “políticas linguísticas” pela primeira vez pensa em algo solene, formal, oficial, em leis e portarias, em autoridades oficiais, e pode ficar se perguntando o que seriam leis sobre línguas. De fato, há leis sobre línguas, mas as políticas linguísticas também podem ser menos formais – e nem passar por leis propriamente ditas. Em quase todos os casos, figuram no cotidiano, pois envolvem não só a gestão da linguagem, mas também as práticas de linguagem, e as crenças e valores que circulam a respeito delas. Tome, por exemplo, a situação do cidadão das classes confortáveis brasileiras, que quer que a escola ensine a norma culta da língua portuguesa. Ele folga em saber que se vai exigir isso dos candidatos às vagas para o ensino superior, mas nem sempre observa ou exige o mesmo padrão culto, por exemplo, na ata de condomínio, que ele aprova como está, **desapegada** da ortografia e das regras de concordância verbais e nominais preconizadas pela gramática normativa. Ele acha ótimo que a escola dos filhos faça baterias de exercícios para fixar as normas ortográficas, mas pouco se incomoda com os problemas de redação nos enunciados das tarefas dirigidas às crianças ou nos textos de comunicação da escola dirigidos à comunidade escolar. Essas são políticas linguísticas. Afinal, onde há gente, há grupos de pessoas que falam línguas. Em cada um desses grupos, há decisões, tácitas ou explícitas, sobre como proceder, sobre o que é aceitável ou não, e por aí afora. Vamos chamar essas escolhas – assim como as discussões que levam até elas e as ações que delas resultam – de políticas.



Esses grupos, pequenos ou grandes, de pessoas tratam com outros grupos, que por sua vez usam línguas e têm as suas políticas internas. Vivendo imersos em linguagem e tendo constantemente que lidar com outros indivíduos e outros grupos mediante o uso da linguagem, não surpreende que os recursos de linguagem lá pelas tantas se tornem, eles próprios, tema de política e objetos de políticas explícitas. Como esses recursos podem ou devem se apresentar? Que funções eles podem ou devem ter? Quem pode ou deve ter acesso a eles? Muito do que fazemos, portanto, diz respeito às políticas linguísticas.

Adaptado de: GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Do que tratam as políticas linguísticas. *ReVEL*, v. 14, n. 26, 2016.

Assinale a alternativa em que o prefixo “des” atribui à forma a que se agrega o mesmo sentido que atribui à desapegada.

- a) Desdenhada.
- b) Designada.
- c) Desabrochada.
- d) Destrabelhada.
- e) Desabitada.

Comentários

Alternativa A: incorreta. O prefixo “des-” é parte do radical das palavras.

Alternativa B: correta – gabarito. O prefixo “des-” é parte do radical das palavras.

Alternativa C: incorreta. O prefixo “des” indica “movimento de cima para baixo”.

Alternativa D: incorreta. O prefixo “des-” é parte do radical das palavras.

Alternativa E: incorreta. O prefixo “des” também indica contrário: “desabitado” é o local sem habitante.

Gabarito: B

8. (UNIPÊ/2017)

A atuação do profissional médico caracteriza, historicamente, ação que desafia o conhecimento. É muito fácil perceber isso em apanhado retrospectivo da história da Medicina. Da observação empírica ao conhecimento científico institucionalizado da Medicina, esses desafios se estendem além da esfera do conhecimento, para abranger, cada vez mais, também outros no campo institucional e, por fim, nas sociedades democráticas contemporâneas, aqueles exigidos pelo Estado de Direito. Se, um dia, já se fez cirurgia sem anestésicos, sem



técnicas de esterilização e assepsia, no mundo de hoje, isso seria **inconcebível**, inaceitável e juridicamente passível de punição.

O ato médico caracteriza-se principalmente pela natureza intervencionista, ou seja, há a “intenção de intervir”, cientificamente justificada em um diagnóstico que embasa o “porquê intervir” e da mesma forma estabelece o “como intervir”. Intervir do ponto de vista médico significa alterar de um estado inicial indesejável para um estado final previsivelmente almejado. E esse estado final almejado é estabelecido não pelo médico ou pelo paciente, mas pelo consenso científico. E toda a ação que se distanciar desses contornos necessitará de justificação adicional. Atente-se que, aqui, até mesmo a atitude passiva, ou seja, a não intervenção, é pautada pelo mesmo raciocínio: a atitude programada. Esses são pressupostos que constituem a essência para a elaboração do texto legal que regulamenta não apenas o ato médico, mas também o exercício profissional do médico em seu amplo contexto. Assim, o ato médico sempre será ação **desafiando** conhecimento!

MURR, Leidimar Pereira. Ato médico: ação que desafia o conhecimento. Disponível em: <<http://ojaleco.blogspot.com.br/2009/11/ato-medico-acao-que-desafia-o.html>>. Acesso em: 4 abr. 2017. Adaptado.

Os prefixos formadores das palavras derivadas “inconcebível” e “desafiando” traduzem, respectivamente, as ideias de

- a) introdução e transição.
- b) negação e ação contrária.
- c) intensidade e destruição.
- d) oposição e relação mútua.
- e) retrocesso e simultaneidade.

Comentários

Alternativa A: incorreta. O prefixo “in-” ao “concebível”, que significa plausível, indica privação, negação. E “desafiar” não é necessariamente antônimo de “afiar”.

Alternativa B: correta – gabarito. Ambos transmitem ideias parecidas, mas não totalmente iguais.

Alternativa C: incorreta. Não indica intensidade, mas sim negação.

Alternativa D: incorreta. Até pode denotar oposição o primeiro, mas não relação mútua o segundo.

Alternativa E: incorreta. Não são prefixos que transmitem ideia semântica temporal.

Gabarito: B



9. (UERJ/2016)

O FUTURO ERA LINDO

A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, 2º cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, 3estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único 4poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do 6planeta. Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. 7Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.

Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. Por anos esquecemos que a internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em megahipercorporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre tantas indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu que os mesmos Estados Unidos, graças às maravilhas da internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como os maiores espões do mundo, humilhando potências como a Alemanha e também o Brasil, impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao arrepio da justiça os bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos em matéria de ética, política e em boas maneiras.

Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

Marion Strecker Adaptado de *Folha de São Paulo*, 29/07/2014.

O termo megahipercorporações é formado por um processo que enfatiza o tamanho e o poder das corporações econômicas atuais.

Essa ênfase é produzida pelo emprego de:

a) sufixos de caráter aumentativo



- b) prefixos com sentido semelhante
- c) radicais de combinação obrigatória
- d) desinências de significado específico

Comentários

Alternativa A: incorreta. No caso são prefixos, não sufixos.

Alternativa B: correta – gabarito. O termo “megahiper corporações” é formado pelos prefixos de origem grega “mega-” e “hiper-” que expressam noção semântica de *grande quantidade*, enfatizando o tamanho e o poder das corporações econômicas atuais.

Alternativa C: incorreta. No caso não são radicais (parte integrante da palavra), mas sim prefixos.

Alternativa D: incorreta. Desinências ocorrem ao final das palavras, ao passo que o prefixo no início.

Gabarito: B

10. (UFAM/2015)

Há muito tempo, o homem sonha construir máquinas que possam livrá-lo das tarefas entediantes do dia a dia. Durante todo o século XX, os escritores de ficção científica estavam preocupados em criar histórias sobre robôs que serviam seus mestres em tudo, sem reclamar e sem se cansar. Essa era uma visão tentadora, mas, do ponto de vista tecnológico, até o final do século XX continuava a ser um sonho remoto, simplesmente porque não houve meios de construir essas máquinas. Que atrasados ainda somos! E, apesar da rejeição de muitos, essa perspectiva tem um quê de atraente.

Alguns pesquisadores dos Estados Unidos, da Europa e do Japão continuam a perseguir, incansavelmente, o sonho de criar servidores robóticos multifuncionais, que possam fazer o trabalho pesado. A busca tem sido difícil e os progressos, lentos. No entanto, a partir do ano 2000, vêm sendo desenvolvidos robôs experimentais com considerável sofisticação. Muitos cientistas já se convenceram de que essa tecnologia não é apenas possível, mas inevitável. Hoje em dia, a “era dos robôs” continua situada em algum lugar do futuro, mas está cada dia mais próxima. Sendo assim, daqui a alguns anos, não pegaremos numa vassoura que não seja através de um robô.

Como dizia o escritor Oscar Wilde, a civilização precisa de escravos. Que os escravos sejam, então, as máquinas. Por isso, esses robôs têm que ser construídos, para que tenhamos um novo amanhecer em nossa vida, com um enlace entre homens e máquinas.

(BALCH, Tucher. “As Maravilhosas máquinas inteligentes do futuro”. Texto adaptado.)



Assinale a alternativa em que aquilo que se afirma de palavra tirada do texto NÃO está correto:

- a) “incansavelmente” possui os seguintes elementos mórficos: in (prefixo); cans (radical); ável (sufixo nominal); mente (sufixo adverbial)
- b) “estavam” possui os seguintes elementos mórficos: est (radical); a (vogal temática); va (desinência modo-temporal); m (desinência número-pessoal)
- c) “trabalho” é palavra formada por derivação imprópria.
- d) “amanhecer” é vocábulo formado por derivação parassintética.
- e) “enlace” é vocábulo formado por derivação regressiva.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Lembrando que é possível haver juntos na mesma palavra dois sufixos. No caso, é um advérbio de modo.

Alternativa B: incorreta. O tempo no caso é pretérito imperfeito e a conjugação está na terceira pessoa do plural.

Alternativa C: correta – gabarito. Segundo vimos na teoria, a derivação imprópria ocorre quando não se adiciona nenhum elemento, mas há mudança na classe da palavra. No caso, “trabalho” é um substantivo o qual não sofreu processo de formação de palavras.

Alternativa D: incorreta. No caso, tanto a prefixação de “a” quanto a sufixação de “-ecer”.

Alternativa E: incorreta. Segundo a teoria, derivação regressiva é quando a terminação do verbo é substituída por uma vogal, criando um substantivo. No caso, “laçar” se transformou em “lace”, adicionado do prefixo “en-”.

Gabarito: C

11. (UFSCar/2013)

O termo infeliz é formado pela combinação do prefixo de negação in- à base feliz. A alternativa em que a palavra também é formada com prefixo de negação é:

- a) desleal.
- b) ingerir.
- c) transportar.
- d) eufônico.
- e) decair.



Comentários

Alternativa A: correta – gabarito. No caso, “des-” também indica negação, oposição, privação.

Alternativa B: incorreta. **Atenção:** “in-” pode indicar negação; porém, aqui, ele é utilizado no sentido de interioridade (localidade).

Alternativa C: incorreta. “Trans-” significa ir além, superar, alterar, mudar.

Alternativa D: incorreta. “Eu-” é um prefixo grego que significa “bem”. Logo, “eufônico” denota soar bem.

Alternativa E: incorreta. **Cuidado:** A formação de “decair” provém da **união** de uma preposição a um verbo.

Gabarito: A

12. (UFPR/2014)

Brazuca é um nome triste, mas não por ser com ‘z’

A escolha do nome da bola que a Adidas lançará para a Copa do Mundo de 2014 foi feita por votação na internet a partir de uma 2 lista tríplice. Com 77.8% das preferências, Brazuca derrotou Bossa Nova e Carnavalesca. Como quase todos os analistas da língua que estão de plantão esta semana, lamentei a notícia (considerava Bossa Nova o menos ruim de três nomes fracos), mas por motivos diversos. Não é a grafia com z que me incomoda, mas a palavra em si. Convém explicar. Sim, é verdade que todos os dicionários e o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), da Academia Brasileira de Letras, registram apenas brasuca, com s. Afinal, a palavra não é derivada de Brasil, brasileiro? Eis toda a base para a argumentação dos que implicaram com a grafia. Uma argumentação que deixa de levar em conta dois fatos singelos.

A forma brasuca é muito mais usada na vida real. Uma pesquisa no Google traz mais de milhões de páginas, contra pouco mais de um décimo disso para brasuca. Pode-se defender a tese de que a preferência popular não é suficiente para alterar a grafia de um termo vernáculo, mas atenção: estamos falando de palavra informal, brincalhona, recente. Brazuca é uma gíria, e as gírias, como todas as criações populares, têm a mania de escolher como serão conhecidas.

Ainda que não fosse assim, o batismo da bola da Copa do Mundo é um ato de branding, ramo do marketing que tem regras próprias, entre elas a de privilegiar formas gráficas fortes – e nesse mundo a letra z goza de grande prestígio. Naturalmente, a correspondência com a grafia “Brasil” numa marca destinada a ter circulação internacional também deve ter sido considerada um trunfo por seus criadores.



Se não é a grafia, o que sobra para criticar em Brazuca, a bola? Sua carga cultural idiota, só isso. O fato de que, brazuca ou brasuca, a palavra é um sinônimo tolo de brasileiro. O termo nasceu em Portugal com tom depreciativo (o sufixo “-uca”, o mesmo de mixuruca, deixa isso claro), numa espécie de contraponto ao nosso “portuga”. Até aí, tudo bem: a própria palavra brasileiro tinha uso pejora antes de ser assumida em espírito de desafio pelos nativos desta terra.

O problema é que, ao ser adotado por aqui, brazuca/brasuca virou um clichê patriótico viscoso, folclórico e carregado de autocomplacência, primo da malemolência, da ginga e da incrível musicalidade de muitos inzoneiros* que habita este gigante adormecido. É por isso que Brazuca é bola fora – e Brasuca não seria melhor.

(Sérgio Rodrigues, 04/09/2012, <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/curiosidades-etimologicas>>.)

*Inzoneiro: Adj. Bras. Pop. 1. Mexeriqueiro, intrigante, mentiroso. 2. Sonso, manhoso. (Dicionário Aurélio)

A partir do texto, considere as seguintes afirmativas:

1. As palavras mixuruca, muvuca e maluca confirmam a afirmação que o autor faz sobre o sufixo -uca.
2. O autor rechaça tanto brazuca quanto brasuca, por serem formas associadas a um patriotismo caricato.
3. Para o autor, o gigante adormecido tem qualidades que não podem ser comprometidas pela escolha de um nome com erro de grafia.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 2 é verdadeira.
- b) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.

Comentários

Afirmação I: correta. No caso, o processo de formação de palavras é a sufixação.

Afirmação II: correta. Trata-se de uma questão de Interpretação de Texto. Isso pode ser verificado em expressões como “Sua carga cultural idiota, só isso”, “sinônimo tolo de brasileiro” e “clichê patriótico viscoso, folclórico e carregado de autocomplacência” por exemplo.



Afirmção III: incorreta. Trata-se de uma questão de Interpretação de Texto. O gigante adormecido seria algo positivo, mas inzoneiro, que habita nele, não (vide nota de rodapé). Ambos os termos seriam ruins, não pelo erro de grafia, mas porque eles representariam o brasileiro enquanto tipo tolo, ou seja, não seriam termos dignos, de acordo com o autor.

Gabarito: B

13. (FGV/2013)

Satélite
Fim de tarde.
No céu plúmbeo
A Lua baça
Paira
Muito cosmograficamente
Satélite.

Desmetaforizada,
Desmitificada,
Despojada do velho segredo de melancolia,
Não é agora o golfão de cismas,
O astro dos loucos e dos enamorados,
Mas tão somente
Satélite.
Ah Lua deste fim de tarde,
Demissionária de atribuições românticas,
Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia,
gosto de ti, assim:
Coisa em si,
– Satélite.

Manuel Bandeira

No contexto do poema de Manuel Bandeira, sobre os termos “Desmetaforizada”, “Desmitificada” e “Despojada”, só NÃO é correto afirmar:

- a) configuram uma gradação descendente, do ponto de vista rítmico.
- b) desenvolvem uma ideia já presente no advérbio de modo, usado na primeira estrofe.
- c) contêm um prefixo que intensifica a noção contida no radical.



d) podem ser entendidos como expressões que traduzem ideia de causa.

e) opõem-se, quanto ao sentido, à expressão “disponibilidades sentimentais”.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Até porque as palavras vão se tornando menores.

Alternativa B: incorreta. No caso, “cosmograficamente”, relativo à maneira do universo.

Alternativa C: correta – gabarito. Trata-se de um prefixo que transmite ideia de negação e não intensificação.

Alternativa D: incorreta. “Causa” porque consistem em adjetivos derivados de verbo no participípio. Logo, essas palavras transmitem uma qualidade, qualidade esta que pode ser de causa no contexto.

Alternativa E: incorreta. **Cuidado:** são prefixos de negação, oposição, mas “disponibilidades sentimentais” condiz com o processo de desmetaforização, desmitificação e despojamento no caso.

Gabarito: C

14. (FGV/2012)

Sua excelência

[O ministro] vinha absorvido e tangido por uma chusma de sentimentos atinentes a si mesmo que quase lhe falavam a um tempo na consciência: orgulho, força, valor, satisfação própria etc. etc.

Não havia um negativo, não havia nele uma dúvida; todo ele estava embriagado de certeza de seu valor intrínseco, das suas qualidades extraordinárias e excepcionais de condutor dos povos. A respeitosa atitude de todos e a deferência universal que o cercavam, reafirmadas tão eloquentemente naquele banquete, eram nada mais, nada menos que o sinal da convicção dos povos de ser ele o resumo do país, vendo nele o solucionador das suas dificuldades presentes e o agente eficaz do seu futuro e constante progresso.

Na sua ação repousavam as pequenas esperanças dos humildes e as desmarcadas ambições dos ricos.

Era tal o seu inebriamento que chegou a esquecer as coisas feias do seu ofício... Ele se julgava, e só o que lhe parecia grande entrava nesse julgamento.

As obscuras determinações das coisas, acertadamente, haviam-no erguido até ali, e mais alto elevia-lo-iam, visto que, só ele, ele só e unicamente, seria capaz de fazer o país chegar ao destino que os antecedentes dele impunham.



(Lima Barreto. *Os bruzundangas*. Porto Alegre: L&PM, 1998, pp. 15-6)

A palavra que apresenta, em sua formação, um prefixo e um sufixo formador de adjetivo é:

- a) esperanças.
- b) sentimentos.
- c) unicamente.
- d) respeitosas.
- e) extraordinárias.

Comentários

Alternativa A: incorreta. No caso, há só o sufixo “-ança”, sendo a palavra derivada do verbo “esperar”. Sequer é um adjetivo, mas sim um substantivo.

Alternativa B: incorreta. Não é um adjetivo, mas sim um substantivo.

Alternativa C: incorreta. Há apenas sufixo designador de advérbio de modo: “-mente”.

Alternativa D: incorreta. Trata-se de um adjetivo, mas não há prefixação.

Alternativa E: correta – gabarito. No caso, o prefixo é “extra-”, o sufixo “-árias” e consiste num adjetivo.

Gabarito: E

15. (UNIRG/2012)

A construção do título do livro “Sagarana” foi inventada pelo próprio autor e provém da junção de

- a) ‘saga’ que quer dizer “em busca de”, e ‘rana’ que significa uma “feição universalizante” do épico.
- b) ‘saga’ palavra lúdica que se origina dos rapsodos gregos, e ‘rana’ nas canções de gesta medievais.
- c) ‘saga’ origina-se do mito poético que situa a narrativa entre o real e o mágico, e ‘rana’ que alude ao ápice da existência.
- d) ‘saga’ radical de origem germânica que significa “criação verbal a serviço do épico”, e rana, do sufixo da língua indígena tupi, que significa “à maneira de”.



Comentários

Alternativa A: incorreta. É o contrário: a alusão ao épico é estabelecida em relação ao primeiro termo. No caso, não seria difícil discernir que “saga” se trata de um gênero textual.

Alternativa B: incorreta. Não são gregos, mas sim nórdicos. Na Grécia, havia epopeia.

Alternativa C: incorreta. Em relação ao primeiro termo, até pode ser, mas o segundo já deveria ser mais generalizante.

Alternativa D: correta – gabarito. Segundo o Dicionário Etimológico (CUNHA, 2010, p. 575), “saga” é a designação comum às narrativas em prosa, históricas ou lendárias, nórdicas, redigidas sobretudo na Islândia nos sécs. XIII e XIV. Por outro lado, conforme o Dicionário Informal, “Rana” é um vocábulo do tupi-guarani que significa: “semelhante; parecido com; imitado; falso”.

Gabarito: D

16. (UFRJ/2005)

Em relação à palavra “bioética”, é possível verificar, em seu processo de formação, a presença de

- a) prefixo (bio) + radical (ética).
- b) radical (bio) + radical (ética).
- c) radical (bio) + sufixo (-ético).
- d) prefixo (bio) + radical (ét-) + sufixo (-ica).
- e) radical (bioét) + sufixo (-ica).

Comentários

Alternativa A: incorreta. “Ética” não é o radical, mas sim a palavra que serve de base.

Alternativa B: correta – gabarito. **Cuidado:** no caso, “bio” não é prefixo, pois sua constituição é parte integrante da palavra.

Alternativa C: incorreta. “Ética” não é sufixo.

Alternativa D: incorreta. “-Ica” não é sufixo.

Alternativa E: incorreta. A palavra foi desmembrada incorretamente.

Gabarito: B



17. (Insper/2012)

Leia a tirinha a seguir.



Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:

- a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
- b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
- c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
- d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
- e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

Comentários: As palavras em destaque na tira são todas formadas por sufixação. Dessa forma, necessitamos de uma alternativa com todas por sufixação também.

Alternativa A: incorreta. As palavras são formadas da seguinte forma: “anoitecer” é formada por parassíntese (a + manh+ ecer); “votação” é formada por sufixação (vot + ação); “inútil” é palavra primitiva; “violação” é formada por sufixação (viol + ação); e “tristemente” é formada por sufixação (triste + mente).

Alternativa B: incorreta. As palavras são formadas da seguinte forma: “retenção” é formada por sufixação (reten + ção); “suavidade” é formada por sufixação (suav + idade); “desmatamento” é formada por parassíntese (des + mata + mento); “infelizmente” é formado por prefixação e sufixação (in + feliz + mente); e “firmamento” é formada por sufixação (firma + mento).

Alternativa C: incorreta. As palavras são formadas da seguinte forma: “enlatado” é formada por parassíntese (en + lat + ado); ajuda é formada por derivação regressiva, do verbo “ajudar”; “remissão” é palavra primitiva; “dignidade” é formada por sufixação (dign + idade); e “abolição” é formada por sufixação (aboli + ção).



Alternativa D: incorreta. Nessa alternativa, as palavras: “reação” é formada por prefixação (re + ação); “geração e abstenção” são formadas por sufixação (ger + ação; Abste + n + ção); “lição” é uma palavra primitiva; e “afrontamento” é formada por parassíntese (a + fronta + mento).

Alternativa E: correta. Todas as palavras nessa alternativa são construídas por sufixação. (Magr + eza; Medi + dor; Firma + mento; Dign + idade; e Viol + ação). Da mesma forma temos a formação das palavras na tirinha.

Gabarito: E

18. (UNESP/2021)

Para a formação do neologismo “vivimento”, o narrador recorreu ao mesmo processo de formação de palavras observado em

- a) “desemendo”.
- b) “velhice”.
- c) “denúncia”.
- d) “reverte”.
- e) “adiante”.

Comentários

Alternativa A: incorreta. A palavra “desemendo” é formada por prefixação, dado que adiciona-se o prefixo “des-” ao gerúndio “emendo”, proveniente do verbo “emendar”. Como veremos a seguir, “vivimento” é formada por sufixação.

Alternativa B: correta. A palavra “vivimento” é construída a partir do processo de sufixação. Temos a ideia de “viver” somada ao sufixo “-mento”, com o “i” servindo de vogal de ligação. Dessa forma, “velhice” é formada pelo mesmo processo de sufixação, dado que ao radical “velh-” soma-se o sufixo “-ice”.

Alternativa C: incorreta. A palavra “denúncia” é formada por derivação regressiva, dado que é proveniente do verbo “denunciar”. A palavra “vivimento”, como vimos, é formada por sufixação.

Alternativa D: incorreta. A palavra “reverte” é uma conjugação verbal de “reverter”. As conjugações verbais não são consideradas no escopo dos processos de formação de palavras, dado que temos a entrada de desinências e não de afixos.

Alternativa E: incorreta. A palavra “adiante” é uma palavra formada por derivação regressiva, dado que temos sua origem no verbo “adiantar”.



Gabarito: B

19. (UECE/2019)

Algumas palavras da língua portuguesa são formadas a partir da combinação de morfemas. Sobre esse aspecto, atente para as seguintes afirmações:

- e. O sufixo **inha** do vocábulo **garrafinha** indica diminutivo e o processo de formação dessa palavra se chama derivação sufixal.
- II. Os prefixos **re** e **des** dos vocábulo **reutilizar** e **desligar** indicam, respectivamente, repetição de uma ação e negação, e o processo de formação dessas palavras se chama derivação prefixal.
- III. O prefixo **ex** do vocábulo **extratos** significa que algo está fora e o processo de formação dessa palavra é denominado derivação prefixal.

Estão corretas as assertivas contidas em

- a) I e II apenas.
- b) I e III apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I, II e III.

Comentários

Afirmativa I: correta. O sufixo “-inha”, extremamente produtivo no português, apresenta uma relação direta com a formação do diminutivo que, dependendo do contexto, não necessariamente relaciona-se com o tamanho dos elementos, podendo ser pejorativo, por exemplo. Nesse caso, como temos a entrada de um sufixo, o processo realmente deve ser compreendido como sufixação. **Sempre interessante lembrar que os nomes dos processos nos auxiliam na compreensão dos próprios processos.** 😊

Afirmativa II: correta. O prefixo “re-”, em “reutilizar” indica realmente a repetição da utilização. Nesse caso, temos utilizar novamente, por isso o valor de repetição indicado. No caso do prefixo “des-”, em “desligar”, apresenta a ideia contrária a ligar, por isso, é entendido como negação. Como só há entrada de prefixo nesses casos, temos prefixação nos dois.

Afirmativa III: incorreta. A palavra “extrato” é considerada uma palavra primitiva. Nesse caso, não temos processo de formação nela. O plural, como já dissemos, é uma formação



gramatical e não deve ser confundida com a construção de uma nova palavra, uma vez que modifica-se, somente, a quantidade de elementos nomeados com o plural.

Gabarito: A

20. (Unicentro/2017)

O animal satisfeito dorme

Mário Sérgio Cortella

O sempre surpreendente Guimarães Rosa dizia: “o animal satisfeito dorme”. Por trás dessa aparente obviedade está um dos mais fundos alertas contra o risco de cairmos na monotonia existencial, na redundância afetiva e na indigência intelectual. O que o escritor tão bem percebeu é que a condição humana perde substância e energia vital toda vez que se sente plenamente confortável com a maneira como as coisas já estão, rendendo-se à sedução do repouso e imobilizando-se na acomodação.

A advertência é preciosa: não esquecer que a satisfação conclui, encerra, termina; a satisfação não deixa margem para a continuidade, para o prosseguimento, para a persistência, para o desdobramento. A satisfação acalma, limita, amortece. Por isso, quando alguém diz “fiquei muito satisfeito com você” ou “estou muito satisfeita com teu trabalho”, é assustador. O que se quer dizer com isso? Que nada mais de mim se deseja? Que o ponto atual é meu limite e, portanto, minha possibilidade? Que de mim nada mais além se pode esperar? Que está bom como está? Assim seria apavorante; passaria a ideia de que desse jeito já basta. Ora, o agradável é quando alguém diz: “teu trabalho (ou carinho, ou comida, ou aula, ou texto, ou música etc.) é bom, fiquei muito insatisfeito e, portanto, quero mais, quero continuar, quero conhecer outras coisas.

Um bom filme não é exatamente aquele que, quando termina, ficamos insatisfeitos, parados, olhando, quietos, para a tela, enquanto passam os letreiros, desejando que não cesse? Um bom livro não é aquele que, quando encerramos a leitura, o deixamos um pouco apoiado no colo, absortos e distantes, pensando que não poderia terminar? Uma boa festa, um bom jogo, um bom passeio, uma boa cerimônia não é aquela que queremos que se prolongue?

Com a vida de cada um e de cada uma também tem de ser assim; afinal de contas, não nascemos prontos e acabados. Ainda bem, pois estar satisfeito consigo mesmo é considerar-se terminado e constrangido ao possível da condição do momento.

Quando crianças (só as crianças?), muitas vezes, diante da tensão provocada por algum desafio que exigia esforço (estudar, treinar, EMAGRECER etc.) ficávamos preocupados e irritados, sonhando e pensando: por que a gente já não nasce pronto, sabendo todas as coisas? Bela e ingênua perspectiva. É fundamental não nascermos sabendo e nem prontos; o



ser que nasce sabendo não terá novidades, só reiteraões. Somos seres de insatisfação e precisamos ter nisso alguma dose de ambição; todavia, ambição é diferente de ganância, dado que o ambicioso quer mais e melhor, enquanto que o ganancioso quer só para si próprio.

Nascer sabendo é uma limitação porque obriga a apenas repetir e, nunca, a criar, inovar, refazer, modificar. Quanto mais se nasce pronto, mais refém do que já se sabe e, portanto, do passado; aprender sempre é o que mais impede que nos tornemos prisioneiros de situações que, por serem inéditas, não saberíamos enfrentar.

Diante dessa realidade, é absurdo acreditar na ideia de que uma pessoa, quanto mais vive, mais velha fica; para que alguém quanto mais vivesse mais velho ficasse, teria de ter nascido pronto e ir se gastando...

Isso não ocorre com gente, e sim com fogão, sapato, geladeira. Gente não nasce pronta e vai se gastando; gente nasce não-pronta, e vai se fazendo. Eu, no ano que estamos, sou a minha mais nova edição (revista e, às vezes, um pouco ampliada); o mais velho de mim (se é o tempo a medida) está no meu passado e não no presente.

Demora um pouco para entender tudo isso; aliás, como falou o mesmo Guimarães, “não convém fazer escândalo de começo; só aos poucos é que o escuro é claro”...

Excerto do livro “Não nascemos prontos! – provocações filosóficas”. De Mário Sérgio Cortella. Disponível em: <<http://www.contiouta.com/o-animal-satisfeito-dorme-texto-de-mario-sergio-cortella/>>

Sobre os processos de formação de palavras que compõem o texto 01, assinale a única alternativa correta.

- a) A palavra “estudar” é formada por derivação prefixal e sufixal.
- b) A palavra “emagrecer” é formada por derivação parassintética.
- c) A palavra “gastando” é formada por derivação prefixal.
- d) A forma verbal “vive” é formada por derivação imprópria.
- e) A palavra “surpreendente” é formada por composição por justaposição.

Comentários

Alternativa A: incorreta. O verbo “estudar” é uma palavra primitiva, que dá origem, por exemplo, a “estudo”, por meio de derivação regressiva; e “estudante”, por meio de derivação sufixal. Não temos formação alguma envolvida na construção de significados desse verbo. Logo, a alternativa está incorreta.



Alternativa B: correta. O verbo “emagrecer” é formado por derivação parassintética, uma vez que temos a entrada simultânea do prefixo “em-” e do sufixo “-ecer” no radical “magr”. É interessante notar que a palavra “magreecer” não existe, assim como a construção “emagr”, por meio de nosso teste apresentado anteriormente.

Alternativa C: incorreta. A palavra “gastando”, dependendo da visão, poderia ser formada por sufixação, dado que temos a desinência “-ndo”, formadora de gerúndios, é acrescentada ao tema “gasta”. Contudo, não consideramos formações verbais como processos de derivação, dado que é uma relação sintática. De qualquer forma, não temos nenhum prefixo sendo acrescentado ao verbo.

Alternativa D: incorreta. A forma verbal “vive” é uma conjugação do verbo e, dessa forma, não está empregada em outra classe que não a de verbo. Logo, não há nenhuma forma de derivação imprópria nesse caso.

Alternativa E: incorreta. A palavra “surpreendente” é formada por derivação sufixal, uma vez que há entrada de sufixo “-ente” ao radical “surpreend-”. Essa palavra é originada no verbo “surpreender”.

Gabarito: B

21. (Unicentro/2018)

Para responder à questão, considere a tira abaixo.



Toda a Mafalda/Quino. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 28

Na interação verbal entre Susanita e Mafalda, o humor é desencadeado pelo neologismo INVEJÓLOGO, criado para designar a futura especialidade médica do “filho da D. Susanita”. O processo de formação dessa palavra indica

- a) a invariabilidade imanente da língua.
- b) a fragilidade da língua colocada em risco de deterioração.
- c) o dinamismo da língua na criação de novas palavras.
- d) a impossibilidade de a língua se adaptar ao contexto social dos falantes.
- e) a inadequação do uso do radical grego para indicar a nova profissão.



Comentários

Alternativa A: incorreta. A criação de uma palavra demonstra claramente que temos variabilidade imanente na língua e não uma noção de invariabilidade. Se tivéssemos a língua como invariável, não criaríamos palavras.

Alternativa B: incorreta. Os processos de formação de palavras em contextos específicos de uso da linguagem não é uma demonstração de fragilidade da língua, pelo contrário. O que temos é exatamente a noção de que a língua, como processo social, se adapta às necessidades comunicativas.

Alternativa C: correta. A possibilidade de se criar uma palavra para atender à necessidade comunicativa é uma das ferramentas mais produtivas da língua. Assim, a criação da palavra “invejólogo”, por parte de Susanita, comprova a ideia de que a língua é dinâmica e atende às necessidades dos falantes.

Alternativa D: incorreta. A criação da palavra “invejólogo” aponta exatamente para o oposto da afirmação apresentada. Na realidade, a possibilidade de criação de palavras em um determinado contexto é extremamente produtiva na língua, sempre construindo a ideia de que a língua atende às nossas necessidades e não o contrário.

Alternativa E: incorreta. A tirinha apresenta a ideia de que a formação e criação de novas palavras atende a necessidades momentâneas de comunicação. Dessa forma, não temos nenhuma relação com a inadequação do radical grego com relação à formação dessa palavra. É interessante notar que a palavra surge no contexto e pronto, sem a ideia de entrar para a língua.

Gabarito: C

22. (UFT/2018)

Opinião não é argumento

Aqui está uma história que pode ser verdadeira no contexto atual do Brasil. Um jovem professor de Filosofia, instruindo seus alunos à Filosofia da Religião, introduz, à maneira que a Filosofia opera há séculos, argumentos favoráveis e contrários à existência de Deus. Um dos alunos se queixa, para o diretor e também nas onipresentes redes sociais, de que suas crenças religiosas estão sendo atacadas. “Eu tenho direito às minhas crenças”. O diretor concorda com o aluno e força o professor a desistir de ensinar Filosofia da Religião.

Mas o que é exatamente um “direito às minhas crenças”? [...] O direito à crença, nesse caso, poderia ser visto como o “direito evidencial”. Alguém tem um direito evidencial à sua crença se estiver disposto a fornecer evidências apropriadas em apoio a ela. Mas o que o



estudante e o diretor estão reivindicando e promovendo não parece ser esse direito, pois isso implicaria precisamente a necessidade de pôr as evidências à prova.

Parece que o estudante está reivindicando outra coisa, um certo “direito moral” à sua crença, como avaliado pelo filósofo americano Joel Feinberg, que trabalhou temas da Ética, Teoria da Ação e Filosofia Política. O estudante está afirmando que tem o direito moral de acreditar no que quiser, mesmo em crenças falsas.

Muitas pessoas acham que, se têm um direito moral a uma crença, todo mundo tem o dever de não as privar dessa crença, o que envolve não criticá-la, não mostrar que é ilógica ou que lhe falta apoio evidencial. O problema é que essa é uma maneira cada vez mais comum de pensar sobre o direito de acreditar. E as grandes perdedoras são a liberdade de expressão e a democracia.

[...] A defesa de uma crença está restrita ao uso de métodos que pertence ao espaço das razões – argumentação e persuasão, em vez de força. Você tem o direito de avançar sua crença na arena pública usando os mesmos métodos de que seus oponentes dispõem para dissuadi-lo. O pior acontece quando crenças se materializam em opinião, e são usadas como substitutas de argumentos, quando o “Eu tenho direito às minhas crenças” se transforma em “Eu tenho direito à minha opinião”. Crenças e opiniões não são argumentos. Mais precisamente, crenças diferem de opinião, que diferem de fatos, que diferem de argumentos. Um fato é algo que pode ser comprovado verdadeiro. Por exemplo, é um fato que Júpiter é o maior planeta do sistema solar tanto em diâmetro quanto em massa. Esse fato pode ser provado pela observação ou pela consulta a uma fonte fidedigna.

Uma crença é uma ideia ou convicção que alguém aceita como verdade, como “passar debaixo de uma escada dá azar”. Isso **certamente** não pode ser provado (ou pelo menos nunca foi). Mas a pessoa ainda pode manter sua crença, como vimos, se não pelo “direito evidencial”, apelando para o “direito moral”. Ou ainda, pelo mesmo “direito moral”, deixar de acreditar no que ela própria pensa ser evidência, como no caso do famoso dito (atribuído a Sancho Pança): “Não creio em bruxas, ainda que existam”. [...]

Fonte: CARNIELLI, Walter. Página Aberta. In: *Revista Veja*. Edição 2578, ano 51, nº 16. São Paulo: Editora Abril, 2018, p. 64 (fragmento adaptado).

Quanto aos aspectos gramaticais, negritados no texto, analise as afirmativas.

- e. Em: “ilógica”, ocorre derivação prefixal, ou seja, à palavra lógica acrescentou-se o prefixo “i-”, indicando negação.
- II. Em: “certamente”, o sufixo adverbial “-mente” é acrescentado à forma feminina do adjetivo, para exprimir circunstância de modo.



III. Em: “direito evidencial”, o elemento “evidencial” formou-se por derivação sufixal, resultando em um adjetivo.

IV. Em: “persuasão”, o sufixo “-ão” indica a noção de aumentativo.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
- b) Apenas as afirmativas I, II e III estão corretas.
- c) Apenas as afirmativas II, III e IV estão corretas.
- d) Todas as afirmativas estão corretas.

Comentários

Afirmativa I: correta. A formação de “ilógica” está analisada, na afirmação, de forma correta.

Afirmativa II: correta. A formação dos advérbios de modo terminados em “-mente” funciona da seguinte forma: passa-se o adjetivo para o feminino e insere-se o sufixo “-mente”, por exemplo, com “rápido”, que formará “rapidamente”. Dessa forma, temos uma formação sufixal em “certamente”.

Afirmativa III: correta. O elemento “evidencial” é formado pela inserção do prefixo “-al” ao radical “evidenci-”, fundamentado no substantivo “evidência”. Perceba que temos o uso desse mesmo radical em “evidenciar”. “Evidência”, por sua vez, é formada por derivação regressiva.

Afirmativa IV: incorreta. O sufixo encontrado em “persuasão” é classificado, nessa palavra, como um sufixo formador de substantivos e não de aumentativo, como apresenta a afirmação.

Gabarito: B

23. (UFC/2019)

Ocorre derivação imprópria no termo destacado em:

- a) “fascinava-a como prodígio mecânico que **era**” (linhas 04-05).
- b) “avistou aquele pano branco **tremulando**” (linha 11).
- c) “quão **indiferentes** passam entre si” (linha 14).
- d) “a fim de que o objeto não chegasse **sibilante** como um projétil” (linhas 23-24).
- e) “a menina teve a impressão de que ele levava **saudades**” (linhas 30-31).



Comentários

Alternativa A: incorreta. A forma verbal “era” permanece funcionando como verbo dentro da oração subordinada adjetiva em que se encontra. Logo, nesse caso não temos formação por derivação imprópria.

Alternativa B: incorreta. A forma nominal “tremulando”, um gerúndio, indica exatamente a forma como o “pano branco” está se comportando. Dessa forma, como indica a ação do pano, não temos modificação de classe do verbo em questão.

Alternativa C: incorreta. O adjetivo “indiferentes” mantém-se com seu valor de adjetivo no trecho. Funciona, no caso, como um predicativo do sujeito, uma função sintática típica dos adjetivos e dos substantivos.

Alternativa D: correta. O adjetivo “sibilante”, nesse caso, está funcionando como um advérbio. Essa forma de utilização é extremamente comum em relações de uso da língua. É bastante comum que tenhamos utilização de adjetivos como forma adverbial.

Alternativa E: incorreta. A palavra “saudades” funciona como objeto direto do verbo “levava”, funcionando como substantivo, sua classe de palavra.

Gabarito: D

24. (UEMA/2020)

Leia o texto que segue para responder à questão.

Manuel Bandeira, autor de *Libertinagem* (1930), insere-se na primeira Geração do Modernismo no Brasil. Sua obra, também influenciada por sua história de vida, rompeu com os padrões rígidos ditados pela produção anterior ao Modernismo. Ocupa lugar de relevância na produção poética brasileira no séc. XX, sendo um dos poetas conhecidos e estudados na contemporaneidade. Especificamente, *Libertinagem* acompanha o ideário do grupo modernista da Semana de 22.

Lenda brasileira

A moita buliu. Bentinho Jararaca levou a arma à cara: o que saiu do mato foi o Veado Branco! Bentinho ficou pregado no chão. Quis puxar o gatilho e não pôde.

- Deus me perdoe!

Mas o Cussaruim veio vindo, veio vindo, parou junto do caçador e começou a comer devagarinho o cano da espingarda.

BANDEIRA, M. *Libertinagem*. 2 ed. São Paulo: Global, 2013.



O termo “Cussaruim” é uma sinonímia para “diabo”, realizada a partir da aproximação com “coisa-ruim” ou “cousa ruim”, expressões populares de certas regiões do Brasil.

No processo formativo de “Cussaruim”, tem-se a

- a) conversão da categoria adjetiva da palavra em substantivo.
- b) prefixação com total modificação do sentido primitivo da palavra.
- c) aglutinação de dois termos com perda da autonomia fonética de um deles.
- d) junção de termos de origens distintas para formação de vocábulo inusitado.
- e) abreviação de partes das duas palavras, mantendo o significado primitivo das palavras.

Comentários

Alternativa A: incorreta. No caso dessa palavra, percebe-se a junção entre as palavras “coisa” e “ruim”, com modificação fonética clara do elemento “coisa”. A ideia de conversão de palavra é uma relação de derivação imprópria. Perceba que se forma uma nova palavra e não uma relação de modificação de palavra já existente com relação à classe.

Alternativa B: incorreta. No caso dessa palavra, percebe-se a junção entre as palavras “coisa” e “ruim”, com modificação fonética clara do elemento “coisa”. Não há nenhum prefixo sendo acrescentado em nenhuma das palavras.

Alternativa C: correta. No caso dessa palavra, percebe-se a junção entre as palavras “coisa” e “ruim”, com modificação fonética clara do elemento “coisa”. Essa relação é chamada de composição por aglutinação, dada a modificação fonética encontrada na nova palavra.

Alternativa D: incorreta. No caso dessa palavra, percebe-se a junção entre as palavras “coisa” e “ruim”, com modificação fonética clara do elemento “coisa”. Não há, portanto, junção de termos de origens distintas. Essa noção seria possível no hibridismo, quando utilizamos elementos de origens linguísticas distintas.

Alternativa E: incorreta. No caso dessa palavra, percebe-se a junção entre as palavras “coisa” e “ruim”, com modificação fonética clara do elemento “coisa”. Dessa forma, não podemos afirmar que há relação de abreviação de partes de duas palavras, mas duas palavras colocadas juntas.

Gabarito: C

25. (FGV-SP/2019.2)

Dizem todos, e os poetas juram e tresjuram, que o verdadeiro amor é o primeiro; temos estudado a matéria, e acreditamos hoje que não há que fiar em poetas: chegamos por nossas



investigações à conclusão de que o verdadeiro amor, ou são todos ou é um só, e neste caso não é o primeiro, é o último. O último é que é o verdadeiro, porque é o único que não muda. As leitoras que não concordarem com esta doutrina convençam-me do contrário, se são disso capazes.

Isto tudo vem para dizermos que Maria-Regalada tinha um verdadeiro amor ao major Vidigal; o major pagava-lho na mesma moeda. Ora, D. Maria era uma das camaradas mais do coração de Maria-Regalada. Eis aí porque falando dela D. Maria e a comadre se mostraram tão esperançadas a respeito da sorte do Leonardo.

Já naquele tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco eram uma mola real de todo o movimento social.

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*.

O prefixo que entra na formação do verbo “tresjuram” expressa ideia de

- a) precisão.
- b) intensificação.
- c) contradição.
- d) atenuação.
- e) negação.

Comentários

A palavra “tresjuram” tem uma relação muito clara de intensificação. É interessante notar que o prefixo “três-” pode ser entendido exatamente como uma noção numérica que intensifica a ideia de jurar. Na realidade, o que temos é a noção de que se jura em quantidade. Não é um simples juramento, mas uma relação intensificada de juramento.

Gabarito: B

26. (UNEMAT/2019.2)

Cabelo

Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada

Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada

Quem disse que cabelo não sente

Quem disse que cabelo não gosta de pente

Cabelo quando cresce é tempo



Cabelo embaraçado é vento
Cabelo vem lá de dentro
Cabelo é como pensamento
Quem pensa que cabelo é mato
Quem pensa que cabelo é pasto
Cabelo com orgulho é crina
Cilindros de espessura fina
Cabelo quer ficar pra cima

Laquê, fixador, gomalina
Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada
Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada
Quem quer a força de Sansão
Quem quer a juba de leão
Cabelo pode ser cortado
Cabelo pode ser comprido
Cabelo pode ser trançado
Cabelo pode ser tingido
Aparado ou escovado
Descolorido, descabelado
Cabelo pode ser bonito
Cruzado, seco ou molhado.

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/91446/>. Acesso em: mar. 2019.

A letra da canção “Cabelo”, de Jorge Benjor e Arnaldo Antunes, apresenta alguns versos com palavras cognatas.

No texto, são cognatas as palavras:

- a) sente; gosta; cresce; pensa.
- b) tempo; vento; dentro; pensamento.
- c) cabelo; cabeleira; cabeluda; descabelada.



d) aparado; escovado; descolorido; cruzado.

e) cortado; cumprido; traçado; tingido.

Comentários

O conceito de palavras cognatas é extremamente importante para entendermos essa questão. Segundo Cegalla, a ideia de “cognatas” está relacionada às palavras que surgem da mesma palavra, ou seja, as que apresentam o mesmo radical (inclusive, é sempre interessante lembrar dos famosos “falsos cognatos” que encontramos em línguas de origem latina, por exemplo, que atrapalham em alguns momentos o uso de outra língua). Tendo esse conceito em vista, é interessante perceber que somente na letra C temos realmente palavras com mesma origem. Nesse caso, a resposta estava praticamente clara no texto motivador, não é mesmo? Contudo, sempre faça a análise completa das alternativas.

Gabarito: C

27. (UnB/2017)

[1] Há aproximadamente mil anos, no auge do Renascimento islâmico, três irmãos em Bagdá projetaram um dispositivo que era um órgão automatizado. Eles o chamaram [4] “o instrumento que toca sozinho”. O instrumento era basicamente uma caixa de música gigante. O órgão podia ser treinado para tocar várias músicas usando instruções [7] codificadas por meio de pinos colocados em um cilindro giratório. Para a máquina tocar uma música diferente, era só trocar um cilindro por outro com uma codificação diferente. [10] Esse foi o primeiro instrumento desse tipo. Ele era programável. Conceitualmente, esse foi um imenso salto adiante. Toda a ideia de hardware e de software se tornou [13] possível com essa invenção. Esse conceito incrivelmente poderoso não veio para nós na forma de um instrumento de guerra, de conquista ou de uma necessidade. De forma alguma, [16] ele veio do estranho prazer de ver uma máquina tocar música. De fato, a ideia de máquinas programáveis foi mantida viva exclusivamente pela música por aproximadamente setecentos [19] anos.

Existe uma longa lista de ideias e de tecnologias transformadoras que vieram de brincadeiras: os museus [22] públicos, a borracha, a teoria das probabilidades, o negócio de seguros e muito mais. A necessidade nem sempre é a mãe da invenção. Um estado de espírito lúdico é fundamentalmente [25] exploratório e busca novas possibilidades no mundo ao seu redor. Devido a essa busca, muitas experiências que começaram como simples prazer e diversão, por fim, [28] resultaram em grandes avanços.

Stephen Johnson. *O paraíso lúdico por trás das grandes invenções*. Internet: <www.ted.com>.



Tomando como base o fragmento de texto acima, julgue o item.

A palavra “busca” (l.26) é formada pelo mesmo processo de derivação a partir do qual se forma a palavra

- a) “programável” (l.11).
- b) “invenção” (l.13).
- c) “conquista” (l.15).
- d) “necessidade” (l.15).

Comentários

Alternativa A: incorreta. A palavra “busca” é formada pela chamada derivação regressiva, em que, como vimos, são retirados elementos de um verbo para formar um substantivo. Como “busca” vem de “buscar”, temos regressiva. No caso de “programável”, temos uma relação de sufixação, uma vez que há a entrada do sufixo “vel” ao tema “programa”, com indicação de que se forma um adjetivo.

Alternativa B: incorreta. A palavra “invenção” é formada por sufixação, com a entrada do sufixo “-ção” ao radical “inven-”. Ainda que a palavra “inventar” possa ser entendida como a origem desse substantivo, não é por meio da regressiva que a formação ocorre, mas por sufixação.

Alternativa C: correta. A palavra “conquista”, assim como a palavra “busca” é formada pelo chamado processo de “derivação regressiva”. Como explicado na alternativa A, esse processo relaciona verbo e substantivo. No caso de “conquista”, temos a relação clara com o verbo “conquistar”, que perde elemento e forma o substantivo.

Alternativa D: incorreta. A palavra “necessidade” é formada pelo processo de sufixação, uma vez que temos a entrada de um sufixo, “-idade”, em um radical “necess-”. Perceba que o sufixo “-idade” não temos nenhuma relação com a ideia de “etária”, como em alguns momentos vocês pensam. É um sufixo que serve para formar substantivos muito produtivo na língua portuguesa.

Gabarito: C



Textos para as questões de 28 a 31.

Texto I



Fonte: Disponível em: <https://www.agenciaconexoes.org/fome-e-desperdicio-em-numeros/>. Acesso em: 09 agost. 2019. (texto adaptado).

Texto II

Sem merenda: quando férias escolares significam fome no Brasil

“Me corta o coração eles quererem um pão e eu não ter. Já coloquei os meninos na escola pra isso mesmo, por causa da merenda. Um pouquinho de arroz sempre alguém me dá, mas nas férias complica”, afirma Alessandra, que, desempregada, coleta latinhas na favela de Paraisópolis, em São Paulo, onde mora. [...]

O drama de Alessandra não é incomum. As férias escolares, quando muitas crianças deixam de ter o acesso diário à merenda, intensificam a vulnerabilidade social de muitas famílias em todo o país. Embora variem em conteúdo e qualidade (às vezes, são apenas bolacha ou pão, em outras, são refeições completas de arroz, feijão, legumes e carne), as merendas ocupam função importante no dia a dia de certos alunos. Para essas crianças, nos períodos sem aulas é que a fome, uma ameaça ao longo de todo ano, torna-se uma realidade a ser enfrentada. [...]



Embora não haja estudos nacionais que indiquem o tamanho da insegurança alimentar durante o período de férias escolares, uma série de indicadores comprova a evolução da pobreza no país e o modo como ela incide sobre as crianças.

De acordo com a Fundação Abrinq, que fez cálculos, a partir de dados do IBGE, 9 milhões de brasileiros entre zero e 14 anos do Brasil vivem em situação de extrema pobreza. O Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional do Ministério da Saúde (Sisvan) identificou, no ano retrasado, 207 mil crianças menores de cinco anos com desnutrição grave no Brasil.

A mais recente pesquisa de Segurança Alimentar do IBGE, de 2013, apontava que uma a cada cinco famílias brasileiras tinha restrições alimentares ou preocupação com a possibilidade de não ter dinheiro para pagar comida.

Se a pesquisa fosse feita hoje, a família da faxineira Marinalva Maria de Paula, de 57 anos, se enquadraria nessa condição. Com uma renda de R\$ 360,00 mensais para três adultos e uma criança, ela se vê cotidianamente frente a decisões dramáticas: “Se eu pagar a prestação do apartamento ou a conta de água, não temos o que comer”. [...]

O fenômeno que acontece na casa da faxineira já havia sido identificado pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) em 2008, quando um terço dos titulares do Bolsa Família declaravam em pesquisa que a alimentação da família piorava durante as férias escolares. [...]

Marinalva não consegue emprego formal há quatro anos. Ela está muito longe de atingir a renda mínima familiar, estimada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) em R\$ 4.214,62, para suprir sem carências as necessidades com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência dos quatro integrantes da casa. O valor, calculado em julho, equivale a aproximadamente quatro vezes o salário-mínimo atual, de R\$ 998,00.

Fonte: IDOETA, Paula Adamo; SANCHES, Mariana. In: BBC News Brasil. 15 jul. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48953335>. Acesso em: 09 agost. 2019. (texto adaptado).

28. (UFT/2020/Tarde)

Sobre os vocábulos: “incomum” e “insegurança”, presentes no texto II, analise as afirmativas.

- e. Nos vocábulos, o prefixo “in-” denota sentido de negação.
- II. Os vocábulos passaram por derivação parassintética, com a anexação concomitante de afixos aos substantivos.
- III. Os vocábulos são formados pelo processo de derivação, ou seja, quando se obtém uma palavra nova (derivada), pela anexação de afixos à palavra primitiva.



IV. Na formação dos vocábulos, ambos sofreram alterações em sua estrutura pelos prefixos, provocadas pelo fenômeno da assimilação.

Assinale a alternativa CORRETA.

- a) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
- b) Apenas as afirmativas I e III estão corretas.
- c) Apenas as afirmativas II e III estão corretas
- d) Apenas as afirmativas III e IV estão corretas.

Comentários

Afirmativa I: correta. O prefixo “in-”, nos dois casos, indica realmente negação. Essa leitura é clara quando pensamos que “incomum” deve ser entendido como algo não comum, que foge àquilo que é entendido como comum. Da mesma forma, em “insegurança”, temos a inexistência da segurança.

Afirmativa II: incorreta. No caso de “insegurança”, temos a formação ocorrendo por prefixação e sufixação e não parassíntese. Há entrada do prefixo “in-” e do sufixo “-ança”, ambos adicionados ao radical “segur-”. Note que, mais uma vez, nosso teste de retirada funcionou. Em “incomum”, por sua vez, temos o processo de prefixação.

Afirmativa III: correta. Os dois vocábulos são formados, realmente, por derivação, uma vez que o primeiro é prefixação e sufixação e o segundo prefixação. Esses são processos em que se adicionam afixos a um radical.

Afirmativa IV: incorreta. Ainda que tenhamos realmente a entrada de prefixos nas duas palavras, não ocorre por assimilação. A assimilação é um processo fonético em que temos a modificação fonética de um elemento por proximidade a outro som, como ocorre, por exemplo, em “chamam-no”, forma correta de construção de “chamam-lo”. Nesse caso, a nasalidade do “m” obriga a transformação do L em N. Note que, em nenhuma das palavras, ocorre esse processo.

Gabarito: B

29. (Inédita – Professor Wagner Santos)

A palavra “desperdiçado” (Texto I) é formada pelo mesmo princípio formativo de:

- a) Embora.
- b) Emagrecimento.
- c) Beijo.



d) Inconstitucional.

e) Desclonagem.

Comentários

Alternativa A: incorreta. A palavra “embora”, em contextos como “Vou embora daqui agora”, é formada por composição por aglutinação, uma vez que temos uma relação de origem em “em boa hora”. Dessa forma, não é o mesmo processo de formação do encontrado em “desperdiçado”.

Alternativa B: correta. A palavra “emagrecimento”, assim como “desperdiçado”, é formada por derivação parassintética. Perceba que “magrecimento” ou “emagrec” não apresentam existência autônoma. Nunca se esqueça do nosso teste de existência das palavras sem os afixos.

Alternativa C: incorreta. A palavra “beijo” é formada a partir do verbo “beijar”, com perda de elemento no original e modificação somente fonética em “beijo”. Dessa forma, temos uma construção claramente de derivação regressiva.

Alternativa D: incorreta. A palavra “inconstitucional” é uma construção formada por derivação prefixal e sufixal. Perceba que temos o prefixo “in-”, o radical “constitu-” (de constituição) e o sufixo “-cional”. Como podemos ter a palavra “constitucional”, em nosso teste, percebemos que não é uma formação parassintética, como em “desperdiçado”.

Alternativa E: incorreta. A palavra “desclonagem” é uma construção formada por derivação prefixal e sufixal. Perceba que temos o prefixo “des-”, o radical “clon-” e o sufixo “-agem”. Como podemos ter a palavra “clonagem”, em nosso teste, percebemos que não é uma formação parassintética, como em “desperdiçado”.

Gabarito: B

30. (Inédita – Professor Wagner Santos)

Tendo em mente que a palavra “merenda” é derivada do verbo “merecer”, do latim *merere*, seu processo de formação deve ser classificado como

a) derivação prefixal.

b) abreviação.

c) derivação sufixal.

d) derivação imprópria.

e) derivação regressiva.



Comentários

O substantivo “merenda”, por ter se originado do verbo “merecer”, com alteração para sua construção, é formado por sufixação (também chamada de “derivação sufixal”). Isso fica claro pelo fato de termos o sufixo “-nda”, que forma substantivos, sendo acrescentado ao radical “mere-”. É interessante notar que é do substantivo merenda que passaremos a ter o verbo “merendar”, considerado, durante muito tempo, um uso coloquial e não recomendado da língua. Inclusive, há regiões do país em que esse verbo é utilizado em lugar de jantar com muita, mas muita produtividade. Na Bahia, por exemplo, é verbo corrente e facilmente compreendido.

Gabarito: E

6 Considerações Finais

Na próxima aula, começaremos a analisar as primeiras classes morfológicas, as variáveis. Essa parte é extremamente importante para as nossas aulas de sintaxe, principalmente porque temos muitos vestibulares cobrando morfossintaxe nos últimos tempos. Preparem-se, bolas de fogo!

Bora que só bora e um excelente estudo para vocês!



Professor Wagner
Santos



@wagnerliteratura
@profwagnersantos

